

# O Malhete

**Informativo Maçônico, Político e Cultural**

Linhares - ES, Fevereiro de 2023 - Ano XV - Nº 166 - E-mail: [omalhete@gmail.com](mailto:omalhete@gmail.com)



## **MAHATMA GANDHI E A MAÇONARIA**

Gandhi era um maçom? a pergunta pode parecer engraçada e para alguns até profana mas, a questão é relevante e importante para a Maçonaria.

# Editorial

Caros leitores,

É com grande entusiasmo que apresentamos a edição de fevereiro de 2023 da nossa revista maçônica O Malhete, cheia de matérias fascinantes e informativas. Nesta edição, trazemos a vocês a matéria de capa "Mahatma Gandhi e a Maçonaria", explorando a vida e a obra desse grande líder e como ele se relaciona com os princípios maçônicos.

Também apresentamos a continuação da série sobre a "provável relação dos artífices dionisiacos com a construção do Templo de Salomão", que irá profundamente explorar esta questão interessante. Além disso, o legado templário é explorado em uma matéria detalhada, destacando sua influência na maçonaria e no mundo em geral.

Nós também apresentamos aos nossos leitores o significado simbólico da "Luz Maçônica" e o seu relacionamento com o Livro de Enoque, além de destacar o conteúdo simbólico desconhecido do Schibboleth e sua relevância até os dias de hoje. Por fim, abordamos a posição oficial da Igreja Católica sobre a Maçonaria, destacando que a adesão a associações maçônicas ainda é proibida pela igreja.

Esperamos que vocês aproveitem a leitura desta edição tão quanto nós apreciamos sua produção. Aproveitem a jornada de descoberta e aprendizado.

Fraternalmente,

Luiz Sérgio Castro  
Editor

## Expediente

**Editor:**

Ir.: Luiz Sérgio de Freitas Castro  
Tel.: (27) 99968-5641  
E-mail: omalhete@gmail.com

**Jornalista Responsável:**

Ir.: Danilo S. Salvadeo  
FENAF-ES 0535-JP

**Redação:**

Av. Henrique Gaburro, 100 - Ap.105 - Torre 3  
CEP.: 29.905-070 - Linhares-ES

**Colaboraram nesta edição:**

Adrian Spinelli  
Filippo Grammauta  
José Ronaldo Viegas Alves  
K. Gopalswami  
Keith Peterson  
Mateo Simoita  
Raul Sarmiento  
Valerio de Oliveira Mazzuoli



PORTO  
GAIA

3 dorms.  
1 suíte | 2 vagas



BREVE LANÇAMENTO ▽ UBATUBA

Av Prof Bernadino Querido, 603 - Itagua | Ubatuba  
(12) 9 9751-0325 / (12) 9 9650-5051 / (12) 3629-3055  
[www.construtorataubate.com.br](http://www.construtorataubate.com.br)



CONSTRUTORA  
TAUBATÉ




PORTO  
GAIA



# MAHATMA GANDHI E A MAÇONARIA

Por K. Gopalswami

**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

Por K. Gopalswami

**G**andhi era um maçom? a pergunta pode parecer engraçada e para alguns até profana mas, a questão é relevante e importante para a Maçonaria.

Para o observador superficial, a resposta à pergunta acima é "Não". Ao contrário de Pandit Motilal Nehru e Rajaji, ambos maçons, Gandhi não era membro de nossa Ordem, mas era em todos os sentidos do termo um verdadeiro maçom. Alguém poderia apenas desejar que os maçons de todo o mundo, especialmente na Índia, levassem uma vida tão piedosa e pura como ele levou a cada momento de sua existência.

Não houve expoente maior dos princípios básicos da Arte - amor fraterno, alívio e verdade - e poucos os praticaram em suas vidas como ele. De piedade, ele foi o exemplo mais notável de nossos tempos e, de fato, de todas as épocas. Admiradores e críticos o aclamaram como um sucessor legítimo na longa linhagem de videntes e santos = avatares, os Rishis e Buda, Cristo, mahomed, Zoroastro e os Sikh Gurus.

Sua atitude era de completa fé e entrega total a Deus. Um candidato à Maçonaria é informado no

início de sua carreira que "Onde o nome de Deus é invocado, nós confiamos que nenhum perigo pode garantir". Quando seu filho mais velho, Manilal, estava gravemente doente e ele estava dando-lhe apenas tratamento naturopático, Gandhi simplesmente se resignou ao Senhor e orou: "Minha honra está em Tuas mãos, ó Deus, nesta hora de perigo". Em pouco tempo, Manilal dobrou a esquina e estava no caminho da recuperação. É com tal espírito que os maçons são exortados a se renderem à vontade do Grande Arquiteto do Universo. Como o Senhor Krishna diz no Bhagavad Gita (Capítulo 7 Shloka 19), "Ao final de muitos nascimentos, o homem sábio vem a mim percebendo que tudo isso é Vaasudeva (o Ser mais íntimo);

Gandhi era a personificação da fé imorredoura no Deus Vivo e Verdadeiro Altíssimo, pois ele disse: Religião para mim é uma fé viva na Força Suprema Invisível." Ele nunca se preocupou com os resultados de suas ações; em vez disso, concentrou-se em os meios- "Quando estou seguro da pureza dos meios, basta a fé para me guiar".

O lema maçônico de amor fraterno, alívio e verdade foi o credo de Gandhi na vida, que ele não apenas pregou, mas praticou infalivelmente. Um cren-te firme na Paternidade de Deus e na Fraternidade do homem, o serviço Parian, o serviço de vidas, era para ele o único gion. "A humanidade", disse ele,

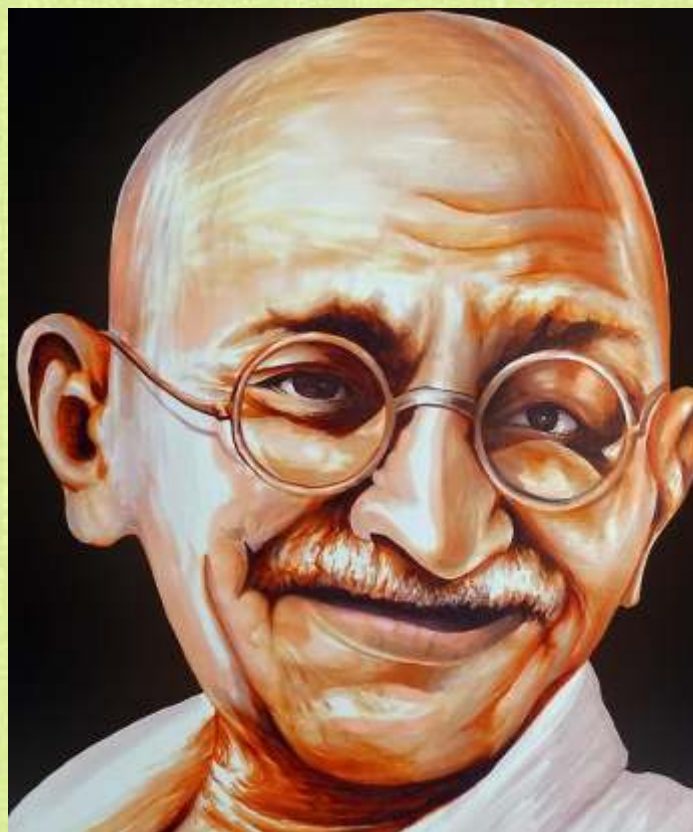
"está dividida em compartimentos estanques. Os homens podem ocupar mil quartos, mas todos estão relacionados entre si". Como o Papa João, Gandhi acreditava que o importante é continuar a amar uns aos outros, agarrar-se ao que une os homens, deixando de lado aquelas pequenas coisas que colocam os homens uns contra os outros. Como foi dito de Jesus Cristo, ao falar com as pessoas sobre problemas individuais, Gandhi sempre aplicava a elas o princípio do amor;

Ele sempre derramou uma lágrima de solidariedade sobre as reclamações dos outros e derramou o bálsamo curador da consolação no seio dos aflitos. A caridade, no sentido mais amplo do termo - respeito pela consciência alheia, consideração pelos sentimentos alheios, simpatia compreensiva - era a regra da sua vida. Certa vez, ele comentou: "Por natureza, sou tão moldado que toda calamidade me comove, independentemente das pessoas que ela possa atingir."

E, quanto à verdade, quem não conhece a fidelidade inabalável de Gandhi à verdade? Sua verdade não era meramente honestidade ou unidade de pensamento, palavra e ação. Tinha uma compreensão mais ampla: "Tudo o que aparece e acontece ao nosso redor é incerto, transitório", disse ele; "mas há um Ser Supremo oculto nela como uma certeza. A busca por essa Verdade é o Summum bonum da vida". Novamente, "Eu quero ver Deus face a face. Deus eu sei que é a Verdade. Para mim, o único meio certo de conhecer Deus é a não-violência e a verdade".

Os maçons são informados sobre as 24 horas do dia e como devem ser gastas. Gandhi passou todos eles em oração a Deus Todo-Poderoso, durante suas horas de vigília e até mesmo em seus sonhos, trabalhando (e não muito para se refrescar) e servindo à humanidade. Embora um hindu convicto, sua concepção de Deus era carregada de catolicidade posterior. ele disse: "Existe apenas um Deus para todos nós, quer o encontremos através do Alcorão, da Bíblia, do Zend-Avesta, do Talmude ou do Gita. E Ele é o Deus da Verdade e do Amor. Não tenho interesse em viver salvo para provar esta fé."

Suas atividades pessoais e públicas foram elevadas a alturas sublimes - na fraseologia maçônica, "Glória a Deus nas alturas, paz na terra e boa vontade para com os homens". Ele pensou, falou e agiu de acordo com o espírito das famosas palavras de Abraham Lincoln: "Sem malícia para com nin-



guém, com caridade para com todos, com firmeza no direito que Deus nos dá de ver o trabalho em que estamos, de fazer tudo o que possamos alcançar e cultivar uma paz justa e duradoura entre nós e com todas as nações". Muitas foram as ocasiões em que ofereceu sua vida em sacrifício no altar da paz, da harmonia e do amor.

Por pura coragem de convicção e firmeza de propósito, bem como pela pureza e moralidade de sua atitude, ele teve poucos paralelos em sua vida ou na história registrada. Em um discurso memorável, ele disse: "Aquele algo em mim que nunca me deriva me diz agora: 'Você tem que enfrentar o mundo inteiro, embora possa ter que ficar sozinho. Você tem que encarar o mundo de frente, embora o mundo pode olhar para você com olhos vermelhos. Não tema. Confie naquela coisinha que reside no coração'. Ele diz: "Abandone amigos, esposa e tudo, mas testemunhe aquilo que você viveu e pelo qual você tem que morrer." " Para ele, sua vida não era nada comparada à devoção ao dever e à confiança nele depositada por Deus. Como Hiram Abiff fez antigamente,

Pode-se permitir registrar que em dois pontos ele diferia de um maçom, mas apenas superficialmente. Ele abominava o segredo como um pecado, enquanto os maçons têm certos segredos que são ordenados a guardar zelosamente. Mas o segredo

tem conotações distintas. Os segredos de um maçom são pessoais, piedosos e morais, não como os da Klu Klux Klan envolvendo conspiração, violência e danos a terceiros. A objeção de Gandhi ao segredo era que era sub-reptício, desonesto e prejudicial.

A outra coisa é motivo de controvérsia, embora aqui novamente seja apenas aparente. Nossos regulamentos exigem que obedecemos às regras de nossa terra e nos submetamos aos decretos da legislatura, suprema e subordinada. Mas eles também nos encarregam de lembrar sempre que a natureza implantou em nosso peito um apego sagrado e indissolúvel para aquele país de onde derivamos nosso nascimento e nutrição infantil. Obviamente, portanto, as injunções aldi aon maçons neste nome pertencem a um arranjo verdadeiramente nacional e referem-se apenas às leis promulgadas por uma legislatura soberana eleita por nosso próprio sufrágio. Não era esse o caso na política da época de Gandhi. Um ex-juiz da Suprema Corte faz uma distinção entre as leis aprovadas por um país autônomo e aquelas impostas a ele por uma potência estrangeira. Ele diz: "Como cidadãos de um país autônomo, não temos o direito de infringir a chamada lei sem lei. As leis aprovadas pela legislatura soberana de um país democrático autônomo carregam o selo de aprovação da comunidade representada na legislatura. Tais leis, tendo sido promulgadas pela própria comunidade e não impostas a ela por um poder externo, têm uma sanção não possuída por leis infligidas por um poder estranho a um povo relutante" (grifo do autor).

Além disso, a abordagem de Gandhi não era apenas política, mas moral e religiosa. ele geralmente odiava inconstitucionalismos e ilegalidades, mas não os tornava um fetiche quando questões nacionais, humanas e morais mais amplas estavam envolvidas. Em geral, sua satyagraha era contra leis desagradáveis. ele era a favor da cooperação entusiástica com medidas que tivessem respaldo moral ou que conduzissem ao bem-estar e à felicidade dos homens. Quando iniciou seu culto de desobediência às leis, ele disse: "Embora desobedeçamos a certas leis selecionadas, cabe a nós mostrar nosso caráter cumpridor das leis respeitando todas as outras leis."

Além disso, sua violação da lei foi aberta, convidando a punição e sofrimento em consequência de tal violação. Aqui, então, estava sua objeção ao sigi-

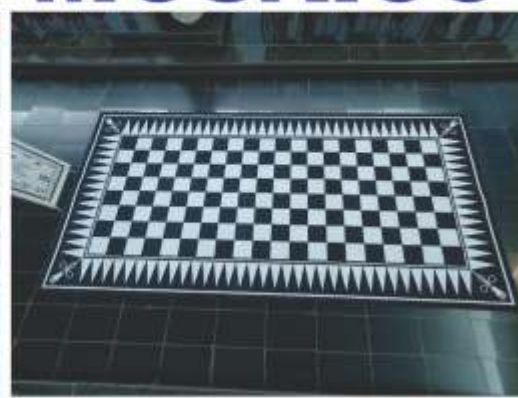


lo. Verdade e não-violência eram atributos inseparáveis de sua violação da lei. seu desafio à lei decorreu da moralidade e, como Sócrates, ele se submeteu alegremente à penalidade. ele disse: "Satyagraha é como uma figueira-de-bengala com inúmeros galhos. A desobediência civil é um desses galhos. Satya (verdade) e ahimsa (não-violência) formam o tronco pai do qual brotam muitos galhos".

O presente escritor deve um pedido de desculpas - e o apresenta - àqueles da Ordem que podem fazer objeção ao desvio anterior para a controvérsia "política". Mas há dois fatores atenuantes: primeiro, nenhuma avaliação de Gandhi pode ser completa sem uma referência a suas atividades políticas; em segundo lugar, é necessário enfatizar que sua "política" foi um esforço de sublimação destinado a elevar ambos os lados, na verdade toda a humanidade.

Com esta ressalva, sente-se justificado em afirmar que, por todo e qualquer padrão, Mahatma Gandhi foi um grande maçom, embora não fosse um membro regular da Maçonaria. Ele defendeu e praticou o espírito religioso e um senso de valores morais que são a base da Maçonaria. Cada membro de nossa Ordem pode considerá-lo um Irmão digno de ser imitado em qualquer campo de atividade humana.

# TAPETES PAVIMENTO MOSAICO



- Modelos variados e à escolher
- Constituído de fibras de polipropileno com base de borracha
- Totalmente antiderrapantes
- Laváveis
- Personalizáveis
- Podem ser feitos em comprimentos de até 20m sendo a largura máxima de 2m

**Vinil<sup>3M</sup>**  
TAPETES

#### TELEVENDAS:

Rio (21) 2471-7647 21 99916-2845

Vitória (27) 3338-6688 27 99961-3018

Bahia (73) 98816-6032

contato@viniltapetes.com.br

Solicite orçamento agora



**bonatti**  
contabilidade e consultoria

Sua empresa em boas mãos!



- Gestão Legal
- Gestão Fiscal
- Gestão de Recursos Humanos
- Gestão Contábil

- Serviços de Consultoria
- Suporte a Profissionais Liberais
- Imposto de Renda de Pessoas Físicas
- Perícias Judiciais e Extrajudiciais

(19) 3806 3015 (19) 3549 3015  
contato@bonatticonsultoria.com.br  
www.bonatticonsultoria.com.br

Avenida Brasília, 577 - Nova Mogi  
Mogi Mirim SP - Cep:13800 280

# NOTÍCIAS MAÇÔNICAS

## GOB FAZ ABERTURA DO ANO MAÇÔNICO EM NATAL-RN



De 20 a 22 de janeiro de 2023, a maçonaria brasileira, através do Grande Oriente do Brasil, realizou sua tradicional abertura do ano maçônico na Cidade de Natal-RN. O evento teve como objetivo principal discutir a família maçônica e estabelecer metas de gestão para o primeiro semestre de 2023. Durante o evento, ocorreram várias reuniões e conversas sobre melhorias e desenvolvimento de programas de gestão. O Soberano irmão Múcio Bonifácio Guimarães e os 15 Grão-Mestres Estaduais, as Presidentes de Frafem Estaduais e Nacional e os Veneráveis Mestres e irmãos presentes, enfatizaram a importância de manter os programas atuais e aprimorá-los para os próximos

anos. Além disso, foi discutido o planejamento a médio e longo prazo para avaliação futura. A abertura do ano maçônico foi liderada pelo Grão-Mestre anfitrião José Ivo e contou com uma bela recepção, evento cultural e artístico. Além disso, foram assinados bons convênios com a Universidade Estácio, a Universidade Potiguar – UNP e a União dos Escoteiros do Brasil. As cunhadas da FRAFEM também foram destaque, mostrando capacidade gerencial nos projetos filantrópicos e muita organização. Parabenizamos nossos irmãos e cunhadas potiguares pela memorável abertura em 2023 e trabalharemos para que 2024 seja ainda melhor.



## GLMEES IMPLANTA PROJETO GRANDE LOJA DIGITAL

A Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo (GLMEES) deu início à implantação de um sistema interno totalmente digital, cujas funcionalidades já começaram a ser disponibilizadas às Lojas Jurisdicionadas.

Segundo o Sereníssimo Grão-Mestre Valdir Massucatti, o sistema Grande Loja Digital visa a integrar a base de dados da GLMEES e Lojas Jurisdicionadas, dinamizando a comunicação, o que irá contribuir para otimizar os procedimentos. A iniciativa é uma das ações previstas no plano de trabalho do Grão-Mestrado 2022-2025.

*“Trata-se de um programa próprio, que está sendo disponibilizado de forma gratuita para as Lojas”*, enfatizou.

O Grão-Mestre acrescentou que nesta gestão será intensificado o uso de tecnologias que agreguem informações e tornem a Grande Loja ainda mais interconectada às Lojas.

O sistema Grande Loja Digital, que também pode ser acessado pelo celular, está dividido em três perfis: Grande Loja, Loja e Irmão. Em cada um deles serão disponibilizadas diferentes funcionalidades como, por exemplo, pedidos de Iniciação e Exaltação, Tribunal Maçônico de Justiça e emissão de documentos e de boletos, entre outros.

Por meio da plataforma, os Irmãos ainda podem acompanhar o andamento dos processos, desde o recebimento até a conclusão pela secretaria da GLMEES, o que vai conferir mais comodidade e agilidade.

*“Neste mês de janeiro, foram realizadas as*



**Sereníssimo Grão-Mestre Valdir Massucatti**

*posses dos Veneráveis Mestres para a Administração 2023, momento em que reafirmamos o nosso compromisso de fortalecer as Oficinas e o homem Maçom. O Grande Loja Digital vem ao encontro desse propósito de fortificar as Lojas. Várias outras iniciativas estão em curso visando ao fortalecimento do homem Maçom”*, salientou Valdir Massucatti.



**Presenteie com um livro  
maçônico  
Clique aqui**

## 150 ANOS DA LOJA AURORA 0242, EM BELÉM-PA



A loja Primaz do Pará e uma das mais antigas do Brasil, fundada em 18/01/1873, comemorou 150 anos de uma rica história, sempre fiel ao Grande Oriente do Brasil, em uma bela sessão magna pública conduzida pelo Venerável Mestre Amado irmão Mota, com a presença de várias autoridades com destaque para o Eminente Irmão Edilberto Pereira GM do GOB-Para; do candidato a GM Poderoso irmão Luiz Schwirck, e, o seu adjunto Jorge e do Eminente Irmão Adalberto Aluízio Eyng GM Honorário do GOB-SC e candidato a Grão-Mestre Geral Adjunto do GOB.

Na ocasião, o irmão Marcio Parijós, primeiro Vigilante da ARLS Aurora 0242, fez uma palestra resgatando a rica história da Loja, ao longo de 150 anos e o seu comprometimento com a história da sociedade paraense.

A Loja foi agraciada com os Diplomas da Distinção Maçônica (125anos); Cruz da Excelência Maçônica (150anos), e da Comenda José Bonifácio de Andrada, em comemoração aos

200 anos do GOB, cujas comendas foram concedidas pelo Soberano Irmão Múcio GMG do Grande Oriente do Brasil, as quais foram entregues solenemente pelos Eminentíssimos irmãos Edilberto e Adalberto Eyng.

O Eminente Irmão Adalberto transmitiu o abraço fraterno e fez uma saudação especial a Loja, a pedido do Soberano irmão Múcio Bonifácio Guimarães e do Sapientíssimo irmão Ademir Cândido, enaltecendo a fidelidade ao GOB e a rica história, da Aurora 0242, a qual enfrentou muitas adversidades, mas graças a tenacidade dos valorosos e Amados obreiros que integraram e integram o quadro de obreiros daquela Oficina, do rito Adoniramita, assegurando a superação das adversidades enfrentadas ao longo de sua rica e exitosa história. Uma histórica de superação e de sucesso. A Loja Aurora e seus amados obreiros dignificam e honram o Grande Oriente do Brasil.

## GRANDE LOJA-RS COMEMORA 95 ANOS



A Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Sul comemorou os 95 anos de fundação em uma noite de intensa emoção no sábado, 14 de janeiro. Mais de 300 irmãos, cunhadas e convidados especiais celebraram a data na Sociedade Libanesa, em Porto Alegre, decorada e organizada com muito carinho para essa ocasião tão importante.

O jantar-baile teve várias atrações, desde a recepção até a madrugada quando todos puderam dançar ao som da banda Love Cats. Já na chegada os convidados eram encaminhados para a foto individual ou do casal, mimo que foi entregue impresso ao final.

Na recepção estavam o Sereníssimo Grão-Mestre, Respeitabilíssimo Irmão Tadeu Gomes Xavier, e esposa Tássia Xavier, o Eminentíssimo Grão-Mestre Adjunto, Respeitabilíssimo Irmão João Batista de Carvalho Silveira, e esposa Suian Silveira, e demais irmãos que integram a Grande Administração da GLMERGS, também com suas esposas. Nesse momento os convidados podiam degustar o coquetel e drinks preparados na hora.

A cerimônia do evento teve apresentação do vídeo alusivo aos 95 anos da GLMERGS, pronunciamento

do Sereníssimo Grão-Mestre e entrega de homenagens.


O Grão-Mestre Tadeu Gomes Xavier agradeceu as homenagens, ressaltando que “não existe uma Grande Loja de um homem só, este é um trabalho em equipe”, momento em que chamou ao palco os integrantes da Grande Administração, da Administração Auxiliar, Assessores Regionais e os colaboradores da GLMERGS. Simbolizou a homenagem com a entrega de um bouquet de flores à colaboradora Elisabete, da Tesouraria.

Em sua fala destacou que a “comemoração dos 95 anos de vida da Grande Loja é de suma importância. Nos faz refletir, pois permite avaliar como iniciamos e o que conquistamos ao longo dos anos. É observando o passado que mudamos o futuro por meio de ações inovadoras”.

Finalizou citando Madre Tereza de Calcutá. “O fruto do silêncio é a oração. O fruto da oração é a fé. O fruto da fé é o amor. O fruto do amor é o trabalho que nos move. E o fruto do trabalho é a paz. Desejamos paz para todos e para o nosso país.”



## UMA PROVÁVEL RELAÇÃO DOS ARTÍFICES DIONISIÁCOS COM A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO DE SALOMÃO (II)

**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

Por Irmão José Ronaldo Viegas Alves

### COMENTÁRIOS INICIAIS:

Em nossa primeira parte do trabalho, deu para perceber que são muitos os assuntos relativos à história da Maçonaria capazes de despertar nossa curiosidade e a nossa vontade de saber mais, sendo que, muitos deles são relativamente pouco explorados. Quando achamos que já tínhamos visto praticamente tudo...

Os Artífices Dionisiacos era uma sociedade de arquitetos da antiguidade, seguidores dos Mistérios de Dionísio... Esta frase assim resumida e a alusão a Dionísio, vai permitir deduzirmos o seguinte: podemos situar os Artífices num período bem anterior àquele da existência de determinadas escolas, corporações, comumente mais citadas nos livros

que abordam a história da Maçonaria e das suas origens, a exemplo dos Collegia Fabrorum dos romanos, dos Maestri Comacini que se estabeleceram no Lago de Como, dos pedreiros e construtores de catedrais medievais, entre outras. Pertencem, como sabemos, a períodos posteriores, sendo inseridas naquele que foi denominada como Maçonaria Operativa. O que não quer dizer que não tenha havido outros grupos precedentes à essa fase da Maçonaria, ou seja, mais antigos ainda, tanto que para uns, existiu uma Maçonaria Primitiva ou mesmo uma protomaçonaria. Estariam inseridos aí os Artífices Dionisiacos. Tudo isso, nos remete e faz lembrar aquela expressão muito utilizada até pouco tempo atrás, que servia como um “fechamento” para quando o assunto que girava em torno das origens da Maçonaria já ia se esgotando: *as origens da Maçonaria se perdem nas névoas da Antiguidade*.

Já vimos na Parte 1, que o Irmão Joaquim Gervá-

sio de Figueiredo, quando da sua descrição do verbete *Mistérios de Dionísio*, citou o pesquisador inglês J. S. M. Ward, o qual descobriu que Estrabão (historiador grego 63 a.C. – 23 a. C.) havia deixado registrado o fato de terem sido achados vestígios da passagem dos Artífices pela Síria e Fenícia, tanto que, eles teriam chegado à essa última, uns 50 anos antes da construção do Templo de Salomão, o que supostamente serviria para explicar como foi construído o Templo, já que, os judeus daquela época eram um povo essencialmente agrícola.

Ademais, Estrabão também registrou que os principais arquitetos e homens que trabalharam na construção do Templo de Salomão eram oriundos da Fenícia e que nas fundações admitidas como sendo as do primeiro templo foram encontradas letras fenícias.

É interessante inserirmos aqui a seguinte passagem, extraída do livro de Alex Horne, que de certa forma ajuda a corroborar o que acaba de ser dito no parágrafo acima. Refere-se à opinião emitida pelo Dr. G. Ernest Wright, norte-americano, especialista em arqueologia bíblica, a quem Horne recorre quando são necessárias algumas explicações em diversas situações:

*“O Templo de Salomão, portanto, era um templo fenício típico. Empenhado como estava na tentativa de colocar Israel no mapa cultural do mundo, Salomão tomou emprestados todo o equipamento religioso e toda a parafernália dos vizinhos culturalmente superiores. Nessas circunstâncias, a arqueologia fornece um testemunho independente do fato já suspeitado mercê do registro do Antigo Testamento, de que o reinado de Salomão assinalou o maior período de sincretismo israelense. ... Salomão era um grande cosmopolita...”* (Horne, 1995, pág. 55)

Com base em pesquisas e leituras realizadas, considerando uma série de conjeturas apresentadas pelos estudiosos que foram citados na Parte I, incluindo nomes de pesquisadores tão importantes a exemplo de Alex Horne e Joseph Fort Newton, já podemos ter uma ideia da quantidade de informações que esse tipo de trabalho poderá nos trazer.

Vimos ainda dentro do panorama geral que foi apresentado na Parte I, uma pequena biografia do nosso patrono da Imprensa, Irmão Hipólito da Costa, o qual é o autor do ensaio que foi traduzido e acaba de ser publicado em livro no Brasil por iniciativa do Irmão J. Fillardo, livro sobre o qual nos



utilizaremos bastante, em vista dos objetivos deste trabalho.

O ensaio da autoria do Irmão Hipólito da Costa (1774-1823) foi publicado no ano de 1820, e tinha o propósito maior de tentar provar que a Maçonaria Moderna possuía suas origens fundamentadas no pensamento religioso e filosófico da antiga Grécia, tanto que, de início ele vai explorar em detalhes o assunto dos Antigos Mistérios.

Esse pequeno livro, cujo título é “Esboço Para a História dos Artífices Dionisíacos”, tal como foi dito na Parte I acabou chegando em uma boa hora, já que pode ser de um auxílio inestimável para as pesquisas que vínhamos realizando em torno desse assunto e que estavam em andamento há um bom tempo.

Para chegarmos a estabelecer ou deixar mais clara essa provável relação exposta no título do trabalho \_ dos Artífices com a construção do Templo de Salomão \_ antes, buscamos as informações básicas, depois as opiniões dos maiores estudiosos do assunto e a bibliografia que iremos dispor.

Numa passagem do livro deste que foi um dos grandes historiadores da Maçonaria, Irmão H. L. Haywood, ele escreveu o seguinte:

*“Uma das ideias é a dos Artífices Dionisíacos. (...) A essência dessa teoria é que esses artesãos foram empregados \_ ou seja, suas Lojas \_ na construção do Templo de Salomão e guardaram os segredos da arquitetura até que finalmente o último deles o transmitiu a arte como era praticada aos collegia Romanos.”* (Haywood, 2022, pág. 73)

Dando sequência então, durante o desenvolvimento deste, faremos mais algumas complementações de utilidade, principalmente no que diz respeito às plausibilidades, apresentadas e corroboradas por estudiosos, incluindo o autor da teoria, assim como, sobre as improbabilidades de tal organiza-

ção ter existido, conforme outros.

Há que se considerar ainda em relação ao opúsculo do Irmão Hipólito da Costa: durante a sua leitura vão surgindo outros assuntos também interessantes para o Maçom, eis que, para chegarmos praticamente até a provável presença dos Artífices na construção do Templo, há um longo caminho a ser percorrido. O autor primeiramente nos contemplará com uma gama de explicações sobre o surgimento dos Antigos Mistérios, dos ritos mitraicos e dos cultos solares, de como essas escolas da antiguidade guardavam e protegiam esses conhecimentos, os quais somente seriam repassados aos seus Iniciados... Enfim, haverá uma gama de informações sobre cultura maçônica e geral à nossa disposição quando da leitura desse pequeno livro no tamanho, mas, grande em seu conteúdo, conforme veremos no desenvolvimento deste trabalho, e quando mais adiante mostrarmos uma espécie de resenha do mesmo. Devemos entender que, o objetivo do ensaio de Hipólito era um projeto bem maior, provar que a Maçonaria era originária das ideias religiosas e filosóficas da Grécia, aquela Grécia da Antiguidade, e como salientou Haywood anteriormente: que esses artesãos estiveram presente na construção do Templo de Salomão.

Para falar sobre os Artífices Dionisíacos, o Irmão Hipólito da Costa, em seu ensaio, falará primeiramente sobre os Mistérios. Já se aproximando da parte final do seu ensaio, aís sim, haverá alusão ao episódio da construção do Templo. Mas, se ele começa falando sobre os Mistérios, vamos nos cercar primeiro de algumas informações úteis que estão relacionadas com o tema que está sendo apresentado. O resto virá ao natural.

### **DIONÍSIO OU BACO?**

Quem era Dionísio? Quem era Baco? Tratemos de definir quem era um e quem era outro, ou ainda, se ambos, mesmo possuindo nomes diferentes representavam o mesmo deus.

Dionísio era o deus grego do vinho, das festas e da alegria, o que dá a entender o porquê do seu nome estar associado a um tipo de celebrações, onde havia um grande consumo de vinho.

Dionísio era também o deus da fecundidade, da natureza e do teatro. Sobre o teatro, este teve início no ano de 535 a.C. na cidade de Atenas, quando foram instituídos festivais dramáticos em sua honra. O Teatro grego tem sua origem no culto prestado



**Baco, o deus do vinho na mitologia romana**

a Dionísio, portanto o teatro surgiu como forma de culto religioso.

Já na mitologia romana, o deus do vinho era chamado de Baco e relativo a Dionísio. Era o deus do vinho e representava a embriaguez. Também era visto como um promotor da civilização, legislador e um amante da paz.

### **COMENTÁRIOS:**

Como já tivemos oportunidade de ler na Parte I deste trabalho, os Artífices Dionisíacos, na descrição do Irmão Joaquim Gervásio Figueiredo, estavam incluídos entre os seguidores dos Mistérios de Dionísio.

Para que cheguemos até o objeto principal do ensaio de Hipólito da Costa (aquele de tentar demonstrar que a Maçonaria possuía origens nos Antigos Mistérios da Grécia), estamos cuidando primeiro, de reforçar alguns pontos. Além do mais, como todo o assunto maçônico quando é fascinante: tem os seus prós e os seus contras. Portanto, de quanto mais informações úteis nos cercarmos.

### **QUAL FOI A REFERÊNCIA QUE ALEX HORNE FEZ SOBRE OS ARTÍFICES DIONISÍACOS?**

O escritor Alex Horne, autor do livro “O Templo de Salomão na Tradição Maçônica”, como o leitor deve estar lembrado, teve seu nome citado no capítulo anterior como um daqueles estudiosos que fize-

ram menção aos Artífices, ainda que, não exatamente para defender a ideia a respeito da existência destes últimos, mas, para mencionar o fato de que outros autores tomaram partido da teoria de Hipólito da Costa.

Vejamos o trecho que ele escreveu sobre os Artífices, onde fica explícito o seu posicionamento sobre a questão:

*“E não faz muito tempo, H. J. Da Costa esforçou-se por ligar os construtores do Templo do Rei Salomão aos Artífices Dionisíacos e aos Antigos Mistérios que segundo se afirma, praticaram como seguidores do deus Baco \_ teoria que causou profunda impressão num Irmão de grande cultura como o Rev. Joseph For Newton, induzindo-o a escrever que, se 'as leis da construção eram segredos conhecidos apenas dos iniciados, deve ter havido uma ordem secreta de arquitetos que construíram o Templo de Salomão', a saber 'os Artífices Dionisíacos'.” (Horne, 1995, pág. 20)*

### **JOSEPH FORT NEWTON: O QUE MAIS ELE ESCREVEU SOBRE OS ARTÍFICES DIONISÍACOS?**

Em seu livro “Os Maçons Construtores”, o Irmão Joseph Fort Newton (1846-1950), ao final do Capítulo V, afirma que:

*“(...) Os Artífices Dionisíacos formaram a primeira ordem de arquitetos que se tem notícia, constituindo uma ordem secreta que praticava os Ritos dos Mistérios. O professor Robinson disse que: 'Já se sabe que os dionisíacos da Jônia formaram uma grande corporação de arquitetos e engenheiros, que empreendia e até monopolizava a construção dos Templos e estádios, da mesma forma, precisamente, que a fraternidade dos Franco-Maçons monopolizava a construção das catedrais e conventos da Idade Média. Não resta dúvida que os dionisíacos pareciam, em muitos aspectos, com a fraternidade mística, conhecida atualmente sob o nome de Maçonaria. Não permitiam que nenhum estranho interviesse em seu ofício; reconheciam-se, entre si, por meio de Sinais e Toques; professavam certas doutrinas misteriosas, sob a tutela de Baco (que representava o Sol e era símbolo externo do Deus único), ao qual erigiram um magnífico Templo em Teos, onde celebravam seus mistérios em solenes festividades, e chamavam aos demais homens 'Profanos' porque não seriam admitidos em seus mistérios.” (Fort Newton, 2000, pág. 89)*

### **COMENTÁRIOS:**

A primeira frase do trecho acima, da autoria de Fort Newton, traduz a convicção desse autor de que os Artífices Dionisíacos foram a primeira ordem de arquitetos que existiu, além de que, funcionavam como uma ordem secreta onde se praticava os Antigos Mistérios, além de uma forte impressão que isso lhe causou.

Impressão essa que já havia sido detectada por Alex Horne, quando a registrou em seu livro “O Templo de Salomão na Tradição Maçônica”.

Falando em Alex Horne, ele também comentou ligeiramente, conforme o que vimos na Parte I, sobre o ensaio de Hipólito da Costa, sendo que, na sua opinião, este último teria se esforçado para fazer uma ligação entre os Construtores do Templo de Salomão, com os Artífices Dionisíacos e com os Antigos Mistérios.

Daremos início na sequência, a uma síntese do que é apresentado no ensaio “Esboço Para a História dos Artífices Dionisíacos”, a qual havendo a necessidade, será ilustrada por comentários e informações que sejam pertinentes ao que está sendo ali tratado.

### **O ENSAIO “ESBOÇO PARA A HISTÓRIA DOS ARTÍFICES DIONISÍACOS”: SINTETIZANDO E COMENTANDO OS ANTIGOS MISTÉRIOS**

O livro começa fazendo referência aos Mistérios dos Antigos, com o propósito nítido de chamar a atenção do leitor para uma constatação: a de aquelas associações que nos tempos antigos eram detentoras do conhecimento desses Mistérios não foram devidamente consideradas, pelo contrário, foram até desprezadas em tempos mais recentes.

Houve períodos em que os homens foram privados da luz da revelação, e foi aí que esses sistemas de moralidade serviram de condutores para a sua orientação e sua conduta. Havia já um conhecimento reunido, fruto das observações da natureza.

A Astronomia, por exemplo, se tornara uma ciência de extrema utilidade:

*“A importância de se calcular com precisão as estações do ano para regular as atividades agrícolas, navegação e outras ocupações necessárias à vida deve ter feito da ciência da astronomia um objeto de grande cuidado, no governo de todas as nações civilizadas; e a previsão de eclipses e*



**Mosaico em Pafos (ou Paphos), na ilha de Chipre, também chamada de Casa de Dionísio.**

*outros fenômenos deve ter obtido para os eruditos nesta ciência, tal respeito e veneração da multidão ignorante, a ponto de torná-la extremamente útil para os legisladores, na elaboração de leis para regular a conduta moral de seu povo.” (da Costa, 2022, pág.10)*

O estudo e as observações continuadas das leis da natureza, propiciou muitas das deduções sobre regras morais que depois de obtidas foram tornadas claras por via de fábulas, sendo que, histórias alegóricas foram sendo inculcadas na memória através de cerimônias simbólicas cuja denominação passou a ser de mistérios.

Dos mistérios, destacam-se os de Elêusis. Os nomes Dionísio, Baco, Osíris, Adonis, Tamuz, Apolo, e outros, foram nomes adotados em vários lugares visando designar a Divindade.

### **ROBERT FREAKE GOULD: DOS ANTIGOS MISTÉRIOS.**

Mas, vamos complementar um pouco mais sobre o assunto Antigos Mistérios utilizando-nos de um trecho do clássico “História Concisa da Maçonaria” do grande historiador inglês e Maçom, Robert Freake Gould.

Os chamados Mistérios, até pelo fato de estarem presentes em várias regiões do mundo antigo, não eram tão diferentes entre si. Por exemplo: a iniciação, comum a todos eles, continha essencialmente a realização de um funeral, onde se celebrava a morte e a ressurreição de algum ser amado.

Gould cita um registro antigo de autoria de Stobaeus, onde está inserida a ideia dessa de conformidade entre a morte e a iniciação:

*“A mente é afetada e agitada na morte, assim como é na iniciação nos Grandes mistérios; a primeira etapa não passa de erros e incertezas, labutas, caminhadas errantes e escuridão. E agora, chegando à beira da morte e da iniciação, tudo tem um aspecto terrível; é tudo horror, tremor e pavor. Mas passada esta cena, uma luz milagrosa e divina se mostra perfeita e iniciada, eles são livres, coroados e triunfantes, andam de um lado para o outro nas regiões dos abençoados.” (Gould, 2022, pág. 5)*

Por sua vez, nos seus comentários com relação ao trecho anteriormente citado, Gould escreveu:

*“A luz exibida nos Mistérios Eleusínicos, isto é, nas verdadeiras iniciações, como deve ser claramente percebido a partir do sentido dos Antigos, era a Luz da Vida que estes podiam cultivar e fortalecer, e o drama inteiro era divino.” (Gould, ibidem)*

### **CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO**

Irmão José Ronaldo Viega Alves  
Loja Saldanha Marinho, “A Fraterna”  
Oriente de S. do Livramento – RS.

# CONHEÇA NOSSOS MÉDICOS QUE CUIDAM DA SUA VISÃO.

## Dr. Jobson Bortot Filho

CRM 9158 | RQE 8649

Graduado em Medicina pelo Centro Universitário de Volta Redonda - UNIFOA - RJ, Brasil.

Residência Médica em Oftalmologia no Complexo Hospitalar Padre Bento de Guarulhos - SP.

Especialista em Cirurgia de Catarata pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

Especialista em Ultrassonografia Ocular pelo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

Titulo de Especialista em Oftalmologista pela Associação Médica Brasileira (AMB) e Conselho Brasileiro de Oftalmologista (CBO).



Clínica de Olhos Bortot

AGENDE SUA CONSULTA: **27 3371-1505**

Av. João Felipe Calmon, 1098 - Centro - Linhares ES  
Anexo a Clínica Santa Lúcia

AGORA COM 15 MESES DE GARANTIA

CARIACICA: 3336-5636 / SERRA: 3328-4770



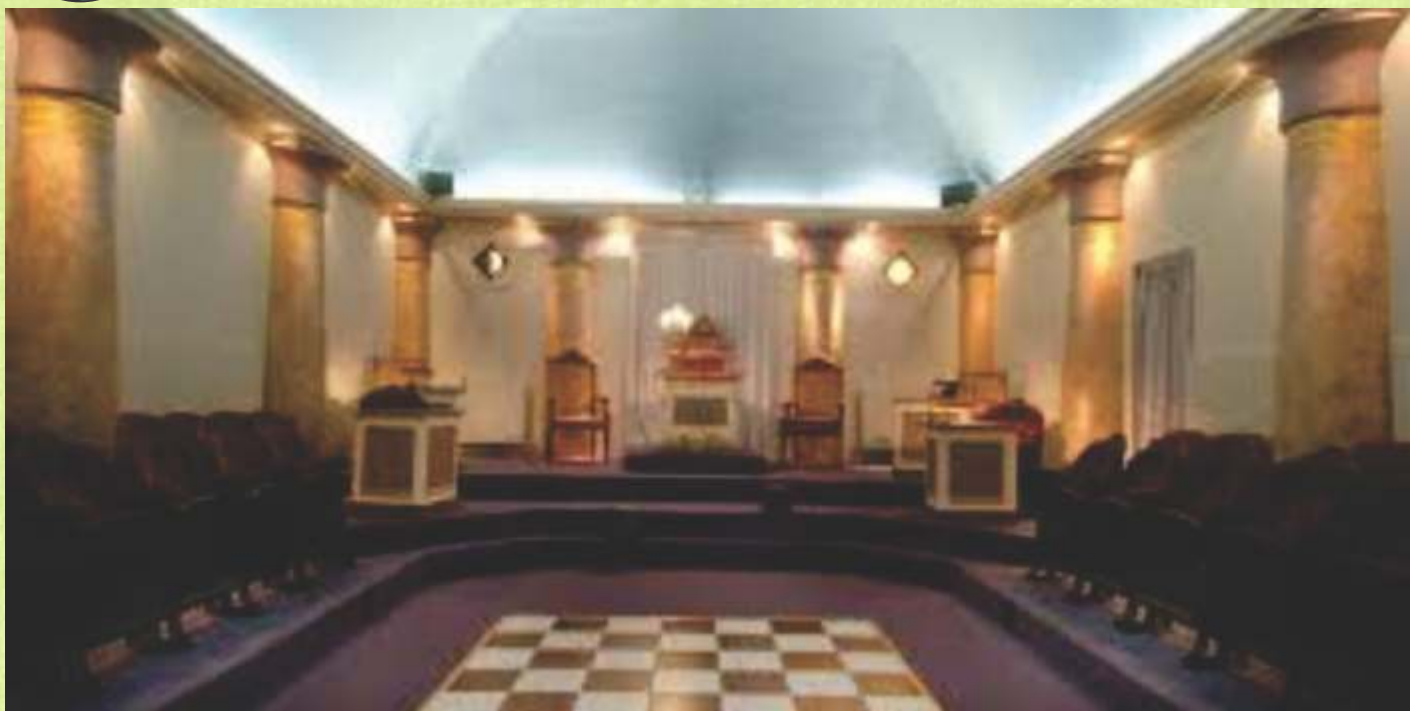
Baterias  
**SUPER LIGHT**

Há 30 anos trabalhando com as melhores marcas





Ir. Valério de Oliveira Mazzuoli



# AS QUINZE COLUNAS DO TEMPLO

**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

Por Ir.'. Valerio de Oliveira Mazzuoli

**N**o interior de um Templo Maçônico que adota o REAA encontram-se doze colunas zodiacais, estando seis ao Norte e seis ao Sul. No pórtico do Templo, do lado exterior, há duas grandes colunas de bronze (colunas “B” e “J”) de trinta e cinco côvados de altura, doze de circunferência e quatro de diâmetro, com um capitel sobre cada uma, com cinco côvados de altura cada qual, conforme as conhecidas medidas bíblicas.

Há, portanto, nos Templos que adotam o REAA, quatorze colunas aparentes, somando-se as colunas “B” e “J” externas às doze colunas zodiacais internas. Tais colunas têm significado e simbolismo ímpares, sendo sobremaneira abrangente o seu campo de estudo e os significados que cada qual apresenta.

No que tange às colunas zodiacais, a sua investigação é emblemática na tradição maçô-

nica, por trazer à luz o conhecimento sobre as fases da vida humana e da passagem de um grau simbólico a outro, partindo da iniciação, passando pelo companheirismo e chegando ao mestrado.

Trata-se da investigação sobre o duodenário, que representa a divisão mais antiga e natural do círculo. Em termos geométricos, o duodenário está formado por dois diâmetros que se cruzam em ângulos retos e por quatro arcos, de raio idêntico ao da circunferência, traçados e tendo como centro os pontos extremos da cruz.

Essa é uma divisão que completa o ciclo do ano, com doze meses, certo de que cada mês guarda uma representação zodiacal própria. O iniciar e o findar de um ano representa o ciclo da vida dividido em etapas, que se renova a cada final de dezembro e início de janeiro, e assim por diante.

O planeta Terra faz o seu movimento de translação, que é aquele realizado em torno do Sol, com duração de 365 dias, 5 horas e 47 minutos, movendo-se a uma velocidade orbital média de 29,78 quilômetros por segundo. Pelo

fato de o ano civil ser contado em dias, a cada quatro anos realiza-se o chamado ano bissexto, que compensa as quase seis horas anuais não computadas na divisão dos dias. Daí o motivo de ser acrescentado mais um dia (29 de fevereiro) ao calendário gregoriano.

O duodenário zodiacal fixa-se em símbolos que representam cada qual das doze divisões do ano, baseados em animais (v.g., Áries, cujo símbolo é um carneiro; Câncer, cujo símbolo é um caranguejo), em seres mitológicos (v.g., Sagitário, cujo símbolo é um centauro) e outros seres animados (v.g., Gêmeos e Virgem), à exceção apenas de Libra, cuja representação é um objeto (balança).

Importa também esclarecer que o duodenário zodiacal tem estreita ligação com *sete* astros, que se ligam aos signos agregando-lhes potência e vigor, na seguinte ordem:

**SOL** = Leão

**LUA** = Câncer

**MERCÚRIO** = Gêmeos e Virgem

**VÊNUS** = Touro e Libra

**MARTE** = Áries e Escorpião

**JÚPITER** = Peixes e Sagitário

**SATURNO** = Aquário e Capricórnio

Como se não bastasse, cada um dos signos do zodíaco comporta as características e vibrações intrínsecas de um dos quatro elementos da natureza, na seguinte divisão de quatro (elementos) por três (signos):

**FOGO** = Áries, Leão e Sagitário

**TERRA** = Touro, Virgem e Capricórnio

**AR** = Gêmeos, Libra e Aquário

**ÁGUA** = Câncer, Escorpião e Peixes

Portanto, os signos zodiacais são compostos de *dois* pilares fundamentais, sendo o *primeiro* um dos sete astros referidos (Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno), e o *segundo* um dos quatro elementos da natureza (fogo, terra, ar e água). Essa combinação entre *astros* e *elementos da natureza* caracteriza e atribui sig-



nificado próprio a cada um dos signos, os quais também passam a emprestar à tradição maçônica as suas respectivas interpretações.

Ademais, quando se analisa a personalidade de cada indivíduo, percebe-se que, de fato, as características presentes nos signos – completadas pelas suas relações com os astros e os elementos da natureza – transpõem-se, em certa medida, para os seres humanos, ainda que cada qual se distinga um dos outros pelas suas ações e atos, nem sempre pautados por conexões astrais. No entanto, não há dúvidas de que os signos (e suas combinações) exercem certa *influência* nas características intrínsecas de cada indivíduo e, por isso, são objeto de estudo maçônico.

A presença no Templo de seis colunas ao Norte e seis ao Sul, cada qual representativa de um signo, é emblemática dessa tradição em compreender a vida e as atitudes humanas por meio do simbolismo zodiacal.

Como se não bastasse, o duodenário zodiacal guarda estreita relação com os três graus simbólicos da maçonaria, sendo as seis colunas do Norte relativas ao grau de Aprendiz, a primeira coluna do Sul (Libra) relativa ao grau de Companheiro, e as demais colunas do Sul relativas ao grau de Mestre.

Abaixo do capitel de cada coluna vêm fixados os signos do zodíaco respectivos, a começar por Áries e terminando com Peixes. Também, em cada qual das doze colunas os signos respectivos aparecem com um símbolo de Ativo e Passivo, na seguinte ordem:

**ATIVOS** = Áries, Gêmeos, Leão, Libra, Sagitário e Aquário

**PASSIVOS** = Touro, Câncer, Virgem, Escorpião, Capricórnio e Peixes

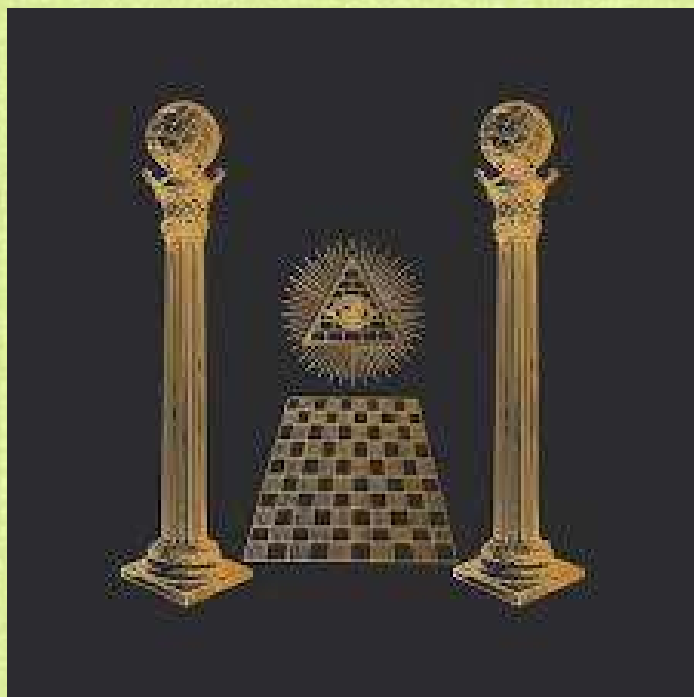
Portanto, os doze signos do zodíaco guardam, cada qual, uma representação própria no universo maçônico, perfazendo o caminho e o labor do Aprendiz, sua passagem para o grau de Companheiro e a chegada ao grau de Mestre Maçom.

Destaque-se que o número doze aparece fortemente no Apocalipse, Capítulo 21, Versículos 12 a 14, ao descrever a cidade santa de Jerusalém, nos seguintes termos: “Tinha grande e alta muralha, doze portas, e, junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. Três portas se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste. A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro”.

A repetição do mesmo numeral também se faz presente na abertura ritualística do REAA, quando o Venerável Mestre dá *três* batidas com o malhete, seguidas de *três* batidas do Primeiro Vigilante, *três* batidas do Segundo Vigilante e *três* batidas do Cobridor Interno, computando-se *doze* batidas *dentro* do Templo.

O Cobridor Externo, a seu turno, também empreende *três* batidas fora do Templo, perfazendo, agora, o número de *quinze* batidas ao todo. Dessas quinze batidas, conhecemos as quatorze colunas respectivas, que são, repita-se, as colunas “B” e “J” (fora do Templo) e as doze colunas zodiacais (dentro do Templo). Em princípio, portanto, estaria sobrando uma batida e, conseqüentemente, faltando uma coluna no Templo.

No entanto, a décima quinta coluna existe e está em lugar privilegiado dentro do Templo. Porém, trata-se de uma coluna invisível aos olhos humanos, podendo apenas ser sentida, e, ainda assim, não por todos os Irmãos, senão apenas por aqueles muito concentrados e cujo pensamento está, efetivamente, elevado ao



Grande Arquiteto do Universo. A décima quinta coluna é superior às colunas externas “B” e “J” e às doze colunas zodiacais internas, tanto em poder quanto em exuberância.

A décima quinta coluna é aquela que agrega em sua dimensão todas as demais quatorze colunas do Templo, unindo-as em uma força espiritual única. Esta coluna invisível não apresenta nenhuma forma ou característica própria, além de não comportar em sua estrutura qualquer um dos signos, revelando-se, por isso, *única* em todos os sentidos. Também não se trata de uma coluna Ativa ou Passiva, sendo, pelo contrário, a *simbiose* dessas duas atividades, formando, com a junção dos triângulos Ativo e Passivo, uma estrela de seis pontas (Estrela de Davi) que representa a união do masculino com o feminino e a ligação da Terra com o Céu.

Aonde, então, se encontra a décima quinta coluna no Templo? A décima quinta coluna é aquela que se ergue a partir do Altar dos Juramentos e se eleva até o Grande Arquiteto do Universo, num feixe de luz branca e potente, visível apenas em pensamento e em estado de profunda reflexão, ao elevarmos os nossos pensamentos a Deus. Esta coluna é formada pelo Ativo e pelo Passivo conjuntamente, gerando o hexagrama que permite unir a Loja (a Terra) a Deus (os Céus).



Esta coluna invisível, edificada em forma de luz, se levanta a cada abertura do Livro da Lei nas Lojas. Aberto o Livro da Lei, a sua luz branca e radiante rompe a abóboda do Templo e atinge os Céus, chegando até o Grande Arquiteto do Universo, para que Ele guie, com toda a Sua sabedoria, os trabalhos que terão início naquela sessão.

A décima quinta coluna, edificada sobre o Altar dos Juramentos e de altura infinita, con-substancia-se na somatória espiritual das luzes postas nos altares em que se assentam o Venerável Mestre, o Primeiro e o Segundo Vigilantes, determinando a unidade do espírito, tal a unidade da santíssima trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Enfim, a “coluna das colunas” – que não guarda quaisquer características das demais, quer em forma, quer em simbologia – é, em última análise, o verdadeiro sustentáculo dos trabalhos em Loja, pois liga a Oficina ao Grande Arquiteto do Universo, para o fim de orientar e guiar todas as atividades empreendidas, sem o que o edifício maçônico não contará com fundamentos sólidos, e nós, maçons, não lograremos jamais encontrar a Verdade.

#### **Ir.'. Valerio de Oliveira Mazzuoli**

Assessor e Consultor Jurídico do Grande Oriente do Estado de Mato Grosso – GOEMT. Benemérito da Ordem e Membro-Titular do Ilustre Conselho do GOEMT. Obreiro da BCARLS Conquista e Integração nº 8 (REAA), filiado à ARLS Cuyabá nº 88 (Rito de York) e membro-fundador da ARLS Acadêmica François-Marie Arouet nº 101 (REAA), Or.'. de Cuiabá-MT.

*E-mail:* mazzuoli@terra.com.br

#### **BIBLIOGRAFIA:**

CASTELLANI, José. *Maçonaria e astrologia*. 2. ed. rev. São Paulo: Landmark, 2002.

BARIANI, Walter de Oliveira. *A perfeição possível: o mestre*. 2. ed. São Paulo: A Gazeta Maçônica, 2009.

DA CAMINO, Rizzardo. *Simbolismo do terceiro grau: mestre*. 5. ed. São Paulo: Madras, 2014.

MAZZUOLI, Valerio de Oliveira. *Da pedra bruta à pedra cúbica: ensaios de evolução do aprendiz ao companheiro*. Cuiabá: Umanos, 2022.

WIRTH, Oswald. *O simbolismo astrológico: a relação da linguagem astrológica com as ciências e artes ocultas*. Trad. Claude Gomes de Souza. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.



# COMO SURGE UM MESSIAS? E A MAÇONARIA?

**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

**A** sociedade, desde sua origem ao longo do tempo, oferece um duplo aspecto de desumanização, involução ou retrocesso, e humanização, evolução ou progresso. Na primeira, já mencionada, a humanidade se afunda na depravação, na violência e nas paixões e desejos descontrolados, como a vaidade, a ambição e o egoísmo, e a intolerância com quem não faz parte de uma elite, de um grupo, de uma religião, de um povo ou de uma nação, etc. E no segundo, eleva-se à espiritualidade e ao cultivo da fraternidade, e forma uma comunidade onde resplandecem a harmonia, a justiça, a solidariedade social, o respeito aos direitos humanos e conseqüentemente o conceito de povo, e o respeito às outras nações e povos. Este

último é difícil de conseguir.

Estudando o passado, pode-se observar que os povos ao se materializarem esquecem a ascensão do homem à espiritualidade, e conseqüentemente avançam aos trancos e barrancos para a descida da materialização através de uma extrema ganância pela posse de bens, e total exteriorização para a busca de bens materiais para afundar na violência, na bestialidade e na depravação, o que causa sua degeneração, como aconteceu com as culturas persa, grega e romana que tiveram seus tempos de grandeza e seu posterior declínio como resultado da desumanização de suas elites governantes refletidas no desejo de poder, ambição, egoísmo e outros desejos, que, quando não controlados, cegam as mentes de todo raciocínio e conseqüentemente da compreensão da verdade. Isso incita a explo-

rar e abusar dos outros, e a privar injustamente os povos mais fracos de suas riquezas, reduzindo-os à miséria.

Pode-se afirmar que a história quase sempre ignora as classes pobres e se limita a falar delas apenas em raras ocasiões, elas são apenas protagonistas de rebeliões, levantes e revoluções, como foram as revoltas dos plebeus contra os patrícios na incipiente República de Roma ou a insurreição dos escravos liderada pelo gladiador Spártacus, etc.

É indiscutível, porém, que os despossuídos atraem a atenção como campo fértil para o nascimento de Profetas e Messias, salvadores da humanidade, que buscam a felicidade dos povos e dos homens pela emancipação ou libertação dos primeiros e pela esperança de uma vida melhor aos segundos. Esses salvadores criam religiões, como o caso de Jesus Cristo, que no antigo território da Palestina iniciou um movimento baseado no ensino do amor ao próximo e na libertação do povo palestino do Império Romano.

Além do exposto, pode-se entender que em tempos de desumanização e como consequência do declínio dos povos, a consciência humana exige um salvador, um profeta, um Deus... e, portanto, a manifestação de Deus feito homem, o Deus que está unido aos sofrimentos da humanidade, e por seu imenso amor a humanidade e seu ambiente, para o qual deve derrotar a tirania, e elevar o homem a um estágio de evolução moral e intelectual superior.

Atualmente, a maioria das religiões oferece a salvação do homem com a chegada ou retorno de um Messias, que estará presente nos momentos difíceis ou de crise social. Tal promessa permite ao crente suportar estoicamente o sofrimento e se preparar para o retorno do amado salvador e das religiões para manter a fidelidade dos fiéis e impedir o surgimento de novos profetas.

Na filosofia maçônica, entende-se que quando o homem conquista o mundo material e científico, mas não o harmoniza com um desenvolvimento compartilhado com seu próximo,

ele se desumaniza e se torna vítima da opressão da matéria e das paixões descontroladas. Por isso, em sua doutrina se ensina a prática de todas as virtudes morais e sociais, que formam o homem que faz o bem porque é bom, não pelos seus frutos; Ele não acumula felicidade, ele a compartilha, e a dor do próximo a torna sua.

Como a maioria das religiões, a Maçonaria surgiu em tempos em que a mitra católica impunha sua religião com a força bestial da Santa Inquisição, e os reis exerciam poder absoluto sobre seus súditos, e o povo ignorante era vítima do abuso de sangue e fogo da mitra e coroa. Em oposição às condições socioeconômicas desumanas em que viviam as pessoas no século XVII, surgiu a Maçonaria, que através do estudo, guiado pela luz da razão, alcançando a verdade do homem conhecendo a si mesmo, encontrou o GADU dentro de si, o poder dentro de si, o Messias dentro de si, não esperando por um novo Messias e assim caminhando para a emancipação e perfeição do homem, e para a libertação e autodeterminação dos povos.

Fonte: <https://blogmasonico.com>






O emblema dos Cavaleiros Templários da Chronica Majora de Matthew Paris, século 13. Biblioteca Real Britânica

# O LEGADO TEMPLÁRIO

Quando a Maçonaria começou a se transformar de operativa em especulativa, ela também se inspirou em rituais e símbolos da Ordem dos monges guerreiros.

**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

Por Filippo Grammauta

Quando a Maçonaria começou a se transformar de "operativa" em "especulativa", na criação de rituais e na identificação dos móveis a ela ligados, ela se inspirou muito no mundo templário. A Ordem do Templo nasceu oficialmente a 14 de janeiro de 1129 com a concessão pelo Concílio de Troyes da chamada "Regra Latina" a uma confraria de Cavaleiros que alguns anos antes, em Jerusa-

lém, se colocara ao serviço dos cônegos do Santo Sepulcro para defender seus bens e os peregrinos que iam aos lugares santos do cristianismo. A "Regra Latina" era composta por 72 artigos, mas o Papa Inocêncio II logo acrescentou mais quatro relativos aos jejuns e festas dos santos que os Templários deviam observar e principalmente honrar. Reconhecendo-se a necessidade, especialmente após a ocorrência de eventos específicos não regulados por nenhuma norma, a Norma foi ampliada com o acréscimo de novos artigos que se somaram aos anteriores. Quando a Ordem foi suprimida em 1312, sua Regra consistia em 686 artigos, dos



quais os últimos trinta, provavelmente aprovados no início da segunda metade do século XIII, diziam respeito aos métodos de aceitação na Ordem, mesmo que esses métodos fossem regulamentados, mas de forma incompleta, pelos artigos 430-449 aprovados durante o século XII. Os procedimentos de aceitação na antiga Ordem sobreviveram ao trágico fim dos Templários e são agora revividos no "Ritual de iniciação ao grau de Maçom Aprendiz".

Mas vejamos em detalhe quais eram os procedimentos previstos pela Regra (art. 657-686) para ser acolhido na Ordem do Templo. Supondo que a maioria dos postulantes eram filhos mais novos de nobres e, portanto, muitas vezes já Cavaleiros, o titular do capítulo anunciou aos Irmãos que um postulante havia pedido para entrar na Ordem e advertiu-os dizendo: "... entre vocês, qualquer um que saiba alguma coisa sobre ele que ele não possa ser um irmão, venha e diga; pois é melhor que eu diga antes e não depois que estiver diante de nós. E se ninguém interviesse, o postulante era convocado e colocado em uma sala próxima à sala capitular (leia-se: Gabinete de Reflexão); e dois ou três anciãos da casa, especialistas em fazer as perguntas certas (leia-se: Irmão Especialista), foram enviados a ele. Os irmãos idosos da casa que iam como postulante perguntavam-lhe: se

tinha mulher por esposa ou noiva prometida; se fez votos ou se esteve vinculado a outra Ordem; se contraiu uma dívida que não poderia pagar; se ele fosse servo de outro homem; se ele estava com boa saúde e não tinha enfermidades ocultas. Se o postulante confirmasse que estava livre (é um homem livre e de bons costumes), os frades idosos por ele enviados voltavam à casa capitular, comunicavam ao mestre, ou a quem dirigia o capítulo, e confirmavam que o postulante aceitou as duras condições de vida que o esperavam e de querer ser servo e escravo da casa (O postulante pede "a Luz").

O líder do capítulo voltou a perguntar aos Irmãos se aceitavam o postulante e, em caso afirmativo, dois ou três Irmãos encarregados deste ofício retornaram ao postulante e, constatada a persistência da vontade deste de ingressar na Ordem, instruíram-no sobre como ele deveria se apresentar ao capítulo e pedir ao mestre a admissão na ordem. Imediatamente depois, o postulante foi levado à presença do mestre, que lhe disse: "Meu bom irmão, você está pedindo algo muito grande, pois você só vê a aparência de nossa ordem. Você vê belos cavalos e armaduras brilhantes, comida requintada e bons vinhos e roupas elegantes, e então pensa que ficará muito confortável conosco. Mas ignore os rígidos mandamentos por trás de tudo

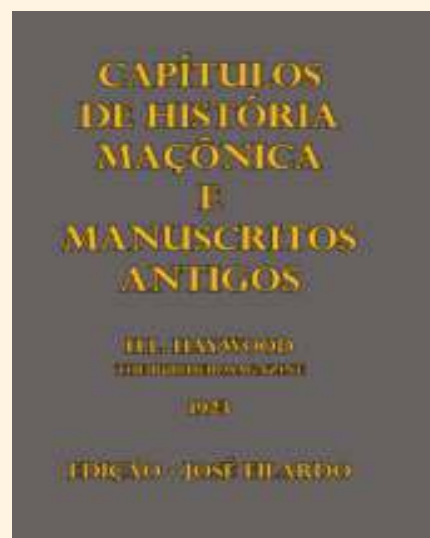
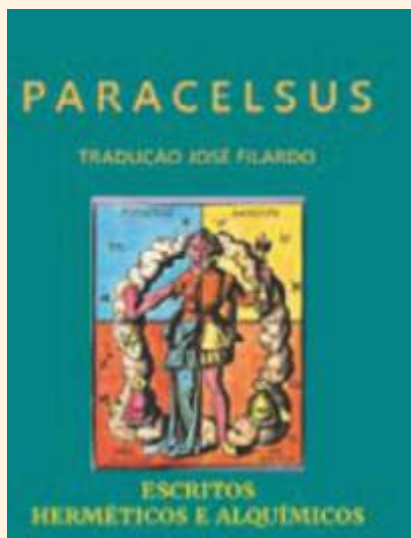
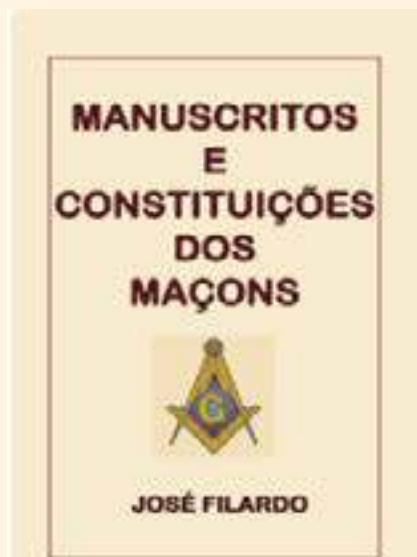
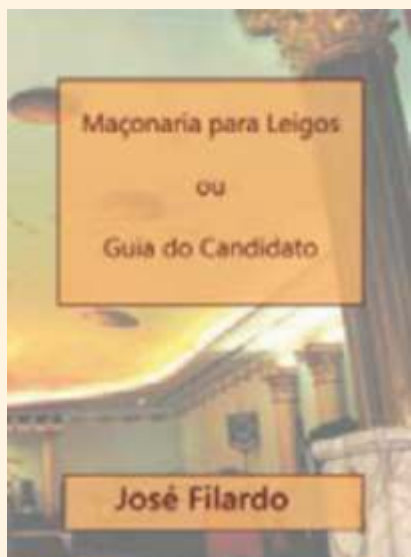
isso; pois será difícil para vocês, que são seus próprios mestres, tornarem-se servos de outros. E de agora em diante será difícil para você fazer o que deseja: pois se você quiser ficar deste lado do mar, você será enviado para lá; e se quiser ficar no Acre, será enviado para a terra de Trípoli ou Antioquia, ou para a Armênia; e também na Apúlia, na Sicília ou na Lombardia, ou na França, na Borgonha ou na Inglaterra ou em uma das numerosas terras onde temos comendas e possessões. E se quiser dormir, terá que vigiar, e se a qualquer momento quiser vigiar, será intimado a ir descansar em sua cama. (Art. 661 da Regra) Em seguida, o mestre continuou com as admoestações do postulante, a quem disse que não deveria pedir a companhia da casa para obter bens e riquezas, nem para ter confortos e honras (O postulante deve não usar a Maçonaria para obter vantagens sociais ou econômicas), mas deve pedi-la apenas por três razões: para deixar para trás os pecados do mundo; faça a obra de Nosso Senhor; ser pobre e fazer penitência pela salvação de sua alma (O postulante deve perseguir três objetivos: Liberdade, Moralidade e Virtude). Depois de o postulante declarar que aceitava, "se for do agrado de Deus", as obrigações que lhe foram impostas, foi obrigado a abandonar a casa capitular. E mais uma vez o mestre perguntou aos irmãos se pretendiam aceitar o postulante como novo irmão. Se assim fosse, o postulante era reintroduzido na sala capitular, onde se ajoelhava perante o capítulo, e depois de confirmada a sua vontade de entrar na ordem, todos os irmãos presentes recitavam o pai-nosso e o capelão (se presente) recitava a oração do Espírito Santo. O mestre tomou os Evangelhos, colocou-os abertos nas mãos do postulante e perguntou-lhe expressamente se: tinha uma mulher por esposa ou noiva prometida; tinha feito votos ou estava obrigado por outra ordem: tinha contraído uma dívida que não podia pagar; gozava de boa saúde e não apresentava enfermidades ocultas; havia prometido ou dado ouro ou prata a alguém para ajudá-lo a entrar na ordem.

Tendo recebido respostas negativas, o mes-



tre pediu ao postulante que fizesse algumas promessas (obediência, castidade). (Leia: Promessa solene) Obtidas as promessas solenes, o mestre concedeu oficialmente ao postulante todos os benefícios da casa, ou seja, acolheu-o na ordem. Em seguida, ainda ajoelhado, colocou o manto sobre os ombros, prendeu-o (O Venerável Mestre envolve o neófito com seu avental) e entoou o Salmo "*Ecce quam bonum et quam iucundum habitando fratres in unum...*". (Salmo 133) Nesse momento da cerimônia, o mestre fez o postulante se levantar e o beijou na boca; o capelão fez o mesmo, de acordo com o costume monástico. Em seguida, fez com que o novo irmão se sentasse à sua frente (O Aprendiz está sentado entre as colunas, no centro do Templo). Logo em seguida, o novo irmão foi instruído sobre como se comportar, sobre as coisas que poderia fazer e sobre as coisas que absolutamente não deveria fazer (Instrução do Aprendiz após sua iniciação).

**Fonte: Revista Erasmo**




**Clique na capa do livro ou em:**

<http://bibliot3ca.com/2013/02/17/167/>



Enoque sendo levantado em uma nuvem por Deus, baseado em Gênesis 5: 24

# LUZ MAÇÔNICA E O LIVRO DE ENOQUE

**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

Por Keith Peterson

**D**entro da maioria dos ramos do judaísmo e do cristianismo ocidentais, a pessoa de Enoque é um mistério. O que se sabe sobre esse personagem bíblico vem de Gênesis 5-21-24, que enfatiza a velhice de Enoque e principalmente sua proximidade com o Divino: “E todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos: E Enoque andava com Deus: e já não existia, porque Deus o tomou” (Gênesis 5-23-24).

Existem, no entanto, outros livros antigos sobre Enoque, nomeadamente o Livro de Enoque (também conhecido como 1 Enoque), bem como 2 Enoque e 3 Enoque. Além disso, existem vários livros associados, incluindo o Livro dos Gigantes, o Livro de Jasher e o Livro dos Jubileus. Neste artigo, investigaremos o antigo Livro de Enoch (1 Enoch) e as conexões da tradição Enochiana com a Maçonaria. Como veremos, o Livro

de Enoque tem correspondências com o Terceiro Grau Maçônico, bem como com outras porções do ritual maçônico.

Uma primeira olhada no Livro de Enoque levanta mais perguntas do que respostas. Histórias fantásticas de gigantes e semi-anjos, assim como a estrutura nada convencional da obra montada a partir de uma variedade de fontes anteriores, resultaram na exclusão do livro da maioria dos cânones das escrituras como apócrifo, embora seja considerado bíblico em alguns ramos do cristianismo etíope (e eritreu) e Judaísmo. De fato, por vários séculos, o mundo ocidental pensou que o Livro de Enoque havia sido perdido. Foi redescoberto na Etiópia no início de 1800 enquanto o livro não é algo ouvido na maioria das igrejas ou sinagogas hoje, o Livro de Enoque é interessante, pois oferece alguns paralelos intrigantes com a Maçonaria.

Nós saímos de onde todo Maçom fez, na Loja Azul. Embora as menções de Enoque no contexto da Loja Maçônica Azul sejam esparsas, as correspondências de nosso ritual com O Livro de Eno-

que são palpáveis, principalmente em Enoque 10-19, "Uma árvore desejável será plantada nela, e eles plantarão vinhas nela, e a vinha que eles plantarem nela dará vinho em abundância, e quanto a toda a semente que for semeada nela, cada medida dará mil, e cada medida de azeitonas renderá dez lagares de óleo Mesmo os mais novos Companheiros podem ver a ligação entre este capítulo/versículo e os salários que receberam na forma de milho, azeite e vinho. No entanto, para notar a primeira alusão ao Companheirismo no Livro de Enoque, deve-se ir quase ao início e ler Enoque 2-1: "Observai tudo o que acontece no céu, eles não mudam suas órbitas, e o luminares que estão no céu, como todos eles se erguem e se põem em ordem, cada um em sua estação, e não transgridam a ordem estabelecida". Esta lição astronômica é facilmente perceptível na palestra da escada do Companheiro e, pode-se argumentar, uma representação fundamental da rotação de oficiais em uma loja.

No Livro de Enoque, também notamos vários paralelos notáveis com o Terceiro Grau Maçônico. O capítulo 12 em sua totalidade pode ser interpretado como a narrativa de Hiram. O capítulo 12 começa, "Antes dessas coisas Enoque foi escondido, nenhum dos filhos dos homens sabia onde ele estava escondido, e onde ele morava, e o que havia acontecido com ele", o que pode trazer à mente a sepultura escondida de Hiram Abiff para Mestres Maçons. O final do capítulo 12, "O assassinato de seus entes queridos eles verão, e sobre a destruição de seus filhos eles lamentarão, e farão súplicas até a eternidade, mas misericórdia e paz não alcançareis" pode também lembrar o Maçom da exumação do Filho da Viúva, e a falta de obtenção daquilo que foi perdido para uma geração futura. Capítulo 13-3-4, "Então fui e falei a todos juntos, e todos ficaram com medo, e medo e tremor se apoderaram deles. E eles me imploraram para redigir uma petição na presença do Senhor do céu" tem semelhança com os doze companheiros condenados acusados de assassinar Hiram Abiff.

Além disso, O Livro de Enoque expressa sutilmente o mais fundamental dos princípios maçônicos, o da Luz, pois três parábolas inerentes ao texto começam e terminam com anotações de



**Os Nove Arcos queda Abóbada de Enoque**

Luz que são de fato antigas referências à Luz na tradição Judeu – cristã. Parece que, assim como na Maçonaria, o conceito de Luz é fundamental para a jornada de Enoque. Ao examinar o Livro de Enoque, no entanto, deve-se notar que em seu artigo "Os Segredos de Enoque na Tradição Maçônica" o estudioso maçônico Arturo de Hoyos, 33°, nos adverte que as tradições enoquianas que podem ser vistas no Ritual Maçônico descendem de "várias variantes encontradas em múltiplas fontes[...]".

As referências ao lendário personagem de Enoque na Maçonaria do Rito Escocês e de York são mais diretas do que as correspondências simbólicas ao Livro de Enoque. A abóbada de Enoque desempenha um papel fundamental no trabalho ritual de ambos os corpos anexos. Como este é o Diário do Rito Escocês, seguiremos como isso é apresentado no 13° do Rito Escocês na voz do Dr. Rex Hutchens de A Ponte para Luz:

A tradição [maçônica] nos diz que Deus, vendo em Enoque um homem de virtude perfeita, eleito para revelar a ele Seu verdadeiro nome [de Deus].



Depois de recebê-lo em um sonho, a visão de Enoque continuou e ele foi transportado verticalmente através de nove arcos para uma abóbada subterrânea que continha uma placa triangular de ouro sobre a qual estava escrito o nome de Deus. Enoque interpretou o sonho como um sinal de Deus e, após uma longa jornada por Canaã, ou a Terra Santa, escavou nove compartimentos verticalmente na terra, cada um coberto por um arco, o mais baixo escavado em rocha sólida. Nesse aposento, ele colocou um pedestal de alabastro e o montou sobre um cubo de ágata em um dos lados do qual havia afundado uma placa triangular de ouro com a inscrição do nome da Divindade - cumprindo assim o propósito de sua visão.

Acima dos apartamentos, ele construiu um modesto templo de pedras brutas com uma passagem secreta para os apartamentos com um anel através dela. A Bíblia nos fornece a razão para as pedras não lavradas, pois Deus decretou que seus altares fossem assim:

E se me fizeres um altar de pedra, não o edificarás de pedra lavrada; (Êxodo 20- 25)

De acordo com a tradição do 13º do Rito Escocês, Enoch, o bisavô de Noé, sabia do Grande Dilúvio que inundaria o mundo na época de Noé e fez preparativos antediluvianos para que o cofre fosse fechado e protegido em ele vem o dilúvio.

Esta lenda envolvendo Enoque continua no 14º do Rito Escocês, que apresenta a abóbada de Enoque de orientação vertical, que é emblemática da ascensão espiritual de Enoque a Deus. Na Maçonaria do Rito de York, os pilares de Enoque

(presumivelmente os pilares que estabilizam a abóbada) são tão importantes, embora não tão referenciados, quanto os pilares de Salomão, pois dentro dos pilares de Enoque estão armazenados todo o conhecimento do mundo antediluviano assim como os segredos das sete artes e ciências liberais.

No entanto, indiscutivelmente, o papel mais importante que a abóbada de Enoque desempenha no ritual e tradição maçônica é que dentro dela está a pedra cúbica que revela o nome inefável de Deus. Dado que Enoque foi escolhido por Deus para ascender com Ele ao céu em forma viva, teria parecido natural para ele ter sido agraciado com o nome único de Deus.

Como vimos, o Livro de Enoque oferece numerosos paralelos interessantes com o ritual maçônico. Na tradição bíblica, apócrifa e maçônica, Enoque era um homem justo “cujos olhos foram abertos por Deus” (Livro de Enoque 1. 2); assim, de acordo com o Ritual de York e o Rito Escocês, ele foi favorecido para descobrir o cofre e aprender o verdadeiro nome de Deus. De fato, o nome de Enoque na língua hebraica significa “o Iniciador”. Enoque, o homem de caráter que andou com Deus, inicia os maçons em uma Luz maior, tanto no Livro de Enoque quanto no ritual maçônico.

Fonte: Revista do Rito Escocês



"A participação organizada das mulheres na Maçonaria é fundamental para o crescimento e fortalecimento das Lojas".

# CHAPA 2 É: FRAFEM

**MAÇONARIA  
EVOLUTIVA!**



Estimular Lojas do GOB-ES para criação de Frafem;  
Gerar censo das Paramaçônicas;  
Estabelecer parcerias com escolas, empresas, cursos, visando bolsa de estudos, emprego;  
Realização de seminários e confraternizações;  
Estimular intercâmbios nacionais e internacionais.






As Vésperas Sicilianas de Francesco Hayez (1846)  
Um exemplo do uso de um "shibboleth" para confundir um inimigo

# SCHIBBOLETH

UM CONTEÚDO SIMBÓLICO DESCONHECIDO E AINDA RELEVANTE!

**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

Por Mateo Simoita

Os rituais maçônicos estão repletos de palavras emprestadas de histórias bíblicas. Shibboleth é um exemplo entre muitos. Gerações de maçons e maçons se imbuíram de uma interpretação, no geral bastante simplista, ao reduzi-la a uma senha que permite provar que quem a usava era de fato um companheiro. E se houvesse outro significado, muito mais consistente?

Bem, sim, e é isso que vou tentar mostrar a você.

Mas primeiro, vamos voltar à história bíblica:

É no “Livro dos Juízes” que Shibboleth é mencionado. Em nenhum outro lugar você pode encontrá-lo.

Lembre-se de que “O Livro dos Juízes” faz parte do Antigo Testamento; ele narra de forma

lendária o período, por volta de 1130 aC, quando as tribos semitas eram consideradas desrespeitadoras dos mandamentos divinos. Os “juízes” eram chefes militares, heróis das batalhas com os cananeus, midianitas e filisteus. A referência a Shibboleth é mencionada no versículo 6 do capítulo 12, dedicado à história de Jefté. Jefté foi escolhido como o “juiz” dos homens de Gileade. Ele terá que enfrentar a Tribo de Efraim conforme contado no capítulo 12.

1. *Os homens de Efraim se reuniram, partiram para o norte e disseram a Jefté: Por que você foi lutar contra os filhos de Amom sem nos chamar para ir com você? Queremos queimar sua casa e queimar você com ela.*
2. *Jefté respondeu-lhes: Temos tido grandes contendas, eu e o meu povo, com os filhos*

de Amom; e quando te chamei, não me livraste das mãos deles.

3. *Vendo que você não viria em meu auxílio, arrisquei minha vida e fui contra os filhos de Amon. O Senhor os entregou em minhas mãos. Por que você sobe contra mim hoje para fazer guerra contra mim?*
4. *Jefté reuniu todos os homens de Gileade e lutou contra Efraim. Os homens de Gileade derrotaram Efraim, porque os efraimitas disseram: Vocês são fugitivos de Efraim! Gileade fica no meio de Efraim, no meio de Manassés!*
5. *Gileade capturou os vaus do Jordão do lado de Efraim. E quando um dos fugitivos de Efraim disse: Deixe-me passar! perguntaram-lhe os homens de Gileade: És tu efraimita? Ele respondeu: Não.*
6. *Eles então diriam a ele: Bem, diga Shibboleth. E ele disse Sibboleth, porque não conseguia pronunciá-lo bem. Então os homens de Gileade o agarraram e cortaram sua garganta junto aos vaus do Jordão. Quarenta e dois mil homens de Efraim morreram naquela época.*

Como esclarece o texto bíblico, a palavra "Sibboleth" foi usada pelos homens de Gileade por causa de sua pronúncia específica para identificar fugitivos da tribo de Efraim que foram tentados a usá-la para atravessar o rio Jordão e voltar para sua tribo.

Sabendo que essas tribos eram ambas tribos judaicas, é de fato uma guerra fratricida.

Na história da humanidade, essa técnica de identificar um inimigo foi usada muitas vezes, de modo que "Sibboleth" (ou shibboleth) também se tornou uma palavra comum. Vários shibboleths tornaram-se famosos, particularmente em 1282 durante as "Vésperas sicilianas" por ocasião da revolta contra o duque de Anjou, com o uso de um shibboleth siciliano, *ciciri*.

### **Shibboleth e Maçonaria**

Parece que a referência a Schibboleth aparece em rituais maçônicos por volta da década de 1740. São rituais de 2º grau, nos quais Schibboleth se torna a senha para os irmãos, usada principalmente



para garantir o posto de postulante antes de passar pela elevação ao posto de mestre. Isso diz respeito a quase todos os ritos maçônicos.

Como exemplo do Rito Escocês Antigo e Aceito praticado no GODF, a palavra Schibboleth aparece no ritual de instrução do acompanhante:

*Pedido: Forneça-me a senha do acompanhante.*

*Resposta: S...*

*D.: O que significa?*

*R.: II significa "espiga" e é representado por uma espiga de trigo junto a um riacho, alusão a um episódio relatado pela Bíblia no Livro dos Juizes (XII-5-6).*

*Este episódio, interpretado simbolicamente, pode significar que não basta conhecer as palavras maçônicas para ser verdadeiros iniciados.*

*Trata-se de penetrar em seu profundo significado porque quem só conhece as palavras, não possui o Segredo Maçônico. Pode-se ver também na Senha uma alusão aos Mistérios de Elêusis onde a espiga de trigo era o símbolo da imortalidade.*

A interpretação dada nesta instrução está naturalmente sujeita a cautela: Referir-se ao significado hebraico do termo "Schibboleth" não corresponde ao seu uso bíblico e querer associá-los pertence à prática de um desvio interpretativo. Da mesma forma, estender o significado de uma senha à diferença entre usar um termo e saber seu significado parece "artificial" e convencional.

### **Que conteúdo simbólico podemos dar a esse uso do termo "Schibboleth" no ritual maçônico do 2º grau?**

É necessário, antes de tudo, recordar o que se poderia chamar de lógica da abordagem maçônica. Desde os primeiros passos da Maçonaria, um certo número de princípios foi estabelecido, depois surgiram outras contribuições:

- A Maçonaria Inglesa reivindica parentesco

bíblico. No século 17, a Bíblia de referência na Inglaterra era a Bíblia KJV (King James Version Bible – Versão da Bíblia do Rei James I). Esta filiação bíblica encontra-se no simbolismo do templo de Salomão.

- Com base nisso, muitas contribuições externas (em particular o ocultismo, a egíptofilia, a cabala e a filosofia da iluminação) enriqueceram os rituais e o conteúdo simbólico da Maçonaria, tornando-a um sincretismo esotérico.
- Após os acontecimentos históricos do século XIX, formou-se uma corrente maçônica liberal e progressista, particularmente na França, rompendo com a filiação inglesa.
- Sociologicamente, a maçonaria anglo-saxônica pode ser entendida como um processo de paz social baseado na aliança de uma burguesia ambiciosa com uma aristocracia esclarecida. Esta aproximação ocorreu também nos países republicanos, substituindo a aristocracia pelo funcionalismo superior.
- No geral, seja qual for a forma nacional da dinâmica maçônica, há um desejo de socialização, benevolência, tolerância, respeito às instituições, busca pela ética e filantropia.

Essa lógica maçônica é encontrada em rituais maçônicos:

- Ao estabelecer uma dicotomia entre os três primeiros graus e os demais, os rituais têm contribuído objetivamente para a criação de uma hierarquia social intramaçônica herdada das divisões da sociedade, mas aceita a coberto de um "aprofundamento" do processo iniciático.
- Todos os rituais maçônicos mantiveram sua marca bíblica com uma referência teísta. Enquanto a Maçonaria Liberal reivindica liberdade de consciência na interpretação simbólica, ela continua a usar os mesmos rituais praticados pela Maçonaria Anglo-Saxônica.
- Os rituais maçônicos destacam o trabalho sobre si mesmo, a busca pela perfeição ética e o compromisso com uma certa "felicidade".



Essa lógica maçônica explica o quanto a referência a Schibboleth poderia parecer incongruente se ficássemos na interpretação simplista de uma senha destinada a proteger o acesso até certo ponto.

**Para Schibboleth ser consistente com a lógica maçônica, esta palavra deve ser interpretada como um ensinamento e uma advertência!**

Assim como O Livro dos Juízes relata a desaprovação divina do desaparecimento tribal, o uso de "Schibboleth" na instrução dos companheiros enfatiza o risco de decadência da Irmandade.

- Irmão companheiro veja o que acontece com aqueles que sucumbiram a uma guerra fratricida!
- Irmão Companheiro, como Maçom, tenha cuidado para nunca se deixar arrastar para esta espiral de egoísmo, separatismo e sectarismo!
- Irmãos, lembrem-se do que nossos precursores da maçonaria inglesa vivenciaram nesta Inglaterra do século XVI com a ruptura social causada pela guerra sectária que motivou seu desejo de ver a Maçonaria contribuir para restaurar a paz social.

Ao integrar este ensinamento e este alerta, através de uma reflexão sobre o que a Bíblia relata sobre Schibboleth, o novo companheiro (o novo companheiro) pode tomar consciência de uma nova dimensão do seu compromisso iniciático: a coesão social através do amor, da paz e do respeito mútuo.

A situação do mundo atual e das sociedades humanas que o compõem mostram quão atual é esta reflexão.

Fonte: <https://www.idealmaconnique.com>



# MAÇONARIA NO BRASIL: QUANDO A MAÇONARIA VIROU POP

**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

Por Adrian Spinelli

**U**ma vez que você começa a ver os sinais da paixão do Brasil pela Maçonaria, você não consegue parar de vê-los. Existem os óbvios, claro. Existem adesivos de para-brisas, anéis de sinete e bandeiras de lojas maçônicas que são comuns em quase todas as partes do país. Mas olhe um pouco mais fundo para a Maçonaria brasileira, e você ficará sobrecarregado com dicas sutis de um fenômeno cultural que não apenas sobreviveu na sede do poder sul-americano, mas também prosperou.

Em Paraty, Patrimônio Mundial da Unesco e destino turístico litorâneo do estado do Rio de Janeiro, as deixas são ainda mais fortes. Construída por maçons portugueses há 250 anos, a cidade é como um santuário da Maçonaria. As luzes da rua e as colunas dos edifícios são gravadas com cifras geométri-

cas e pintadas de azul e branco. O próprio layout da cidade é um aceno de geometria maçônica, construído em uma grade de 33 blocos.

E acima da cidade voa sua bandeira distintiva e de inspiração maçônica, com três estrelas em um triângulo.

Nos dias de hoje, o Brasil carrega cada vez mais as marcas de um país onde a Maçonaria está em ascensão. Enquanto o número de membros da fraternidade em todo o mundo geralmente está em declínio, ela explodiu no Brasil. Existem hoje mais de 6.000 lojas maçônicas no Brasil. Somente no estado de São Paulo, existem mais de 800 lojas afiliadas apenas ao Grande Oriente do Brasil - o maior dos vários órgãos maçônicos do país. (São Paulo e Califórnia têm populações de tamanho semelhante; em comparação, a Grande Loja da Califórnia tem pouco mais de 330 lojas.) Esses números também continuam crescendo. E com eles, também as manifestações externas da influência da Maçonaria no Brasil.

Não é só nas cidades. Caminhe por uma pequena

cidade no interior e você certamente se deparará com uma loja maçônica cuja presença parece levantar a questão: Como isso veio parar aqui? Por que a Maçonaria se espalhou como fogo no Brasil, mas não, digamos, no Equador? Como tudo no país, a resposta está em uma complexa mistura de forças culturais e históricas.

### **A MAÇONARIA NO BRASIL: UMA HISTÓRIA DE ORGULHO**

A Maçonaria desempenhou um papel fundamental na história do Brasil. O primeiro imperador da república, Dom Pedro I, era um maçom convicto que, ao declarar a independência de Portugal em 1822, nomeou seu conselheiro e companheiro maçom, José Bonifácio, o primeiro grão-mestre do Grande Oriente do Brasil.

A conexão foi fundamental para o Brasil do século 19, diz Monica Dantas, professora associada da Universidade de São Paulo e especialista em fraternidade na América do Sul. As lojas maçônicas eram um “espaço privilegiado”, diz ela, onde os pais fundadores do Brasil podiam “formular uma estratégia de independência sem estar sob os olhos do público”. Na ausência de partidos políticos ou de um sistema universitário robusto, as lojas agiam como um importante veículo para a difusão de um novo pensamento político – incluindo a abolição da escravidão.

Essa história ainda é grande no Brasil, que no ano de 2022 comemorou os 200 anos do Grande Oriente do Brasil. E, ao contrário de muitos outros países, a discriminação não necessariamente faz parte da equação. Os membros exibem com orgulho sua afiliação à loja e muitas vezes se esforçam para reconhecer uns aos outros em público. A Maçonaria no Brasil, em outras palavras, é difícil de perder. Aliás, o então vice-presidente, Hamilton Mourão, apareceu recentemente na maior rede de TV do país para falar sobre a Maçonaria.

### **A MAÇONARIA BRASILEIRA EM TEMPOS DE BOOM**

O crescimento tem sido uma grande tendência na Maçonaria brasileira, particularmente no século XXI. Os anos de boom econômico do início dos anos 2000 foram cruciais para essa expansão.

Segundo o Banco Mundial, o tamanho da classe média brasileira mais que dobrou no espaço de uma década. Ao mesmo tempo, o interesse pela Maçonaria aumentou. De 2003 a 2009, o Grande Oriente do



Brasil (GOB) somou cerca de 500 lojas e 14.000 membros. Em 2013, entre as grandes lojas nacionais e estaduais, havia mais de 213.000 maçons no Brasil espalhados por 6.500 lojas, tornando-se uma das maiores populações maçônicas do mundo. As comemorações do bicentenário realizadas em cada estado trouxeram ainda mais atenção para a fraternidade. De acordo com Gerald Koppe Jr., vice-grande chanceler de relações maçônicas estrangeiras para o GOB, esse crescimento de membros trouxe a média de idade dos maçons do Brasil para baixo drasticamente. Hoje, diz ele, a idade média dos novos membros é de 28 anos. “Estamos iniciando muitos jovens de 20 e 21 anos e recebemos muitos estudantes universitários por meio do trabalho de extensão com as universidades”, diz ele. Além disso, a Maçonaria é popular entre os membros das forças armadas do Brasil, diminuindo ainda mais a idade de seus membros.

No entanto, as tendências demográficas não podem explicar totalmente o crescimento da Maçonaria no Brasil. Para muitos, a resposta está na capacidade de seus membros de casar a irmandade maçônica com a sede brasileira de vida social. Isso, diz um membro, explica o número crescente de lojas em cidades pequenas, onde a Maçonaria pode promover redes e estruturas comunitárias que, de outra forma, seriam inexistentes. “As pessoas têm orgulho de serem conhecidas como maçons”, ele oferece. “É uma verdadeira medalha de honra.”

**Este Texto foi publicado originalmente  
no site Califórnia Freemason**

TEMOS  
PROPOSTAS!



# CHAPA 2 É DEMOLAY



IRMÃOS  
AMIGOS  
FAMÍLIA

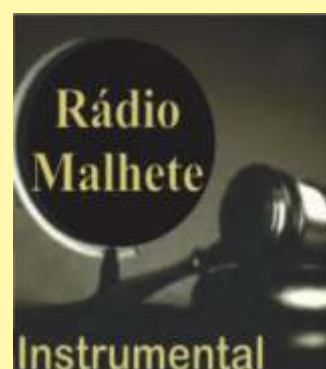
PÁTRIA  
TRABALHO  
ESPERANÇA



**ESTIMULAR LOJAS DO GOB-ES PARA ADOÇÃO DE CAPÍTULOS;  
GERAR CENSO DAS PARAMAÇONICAS;  
ESTABELECE PARCERIAS COM ESCOLAS, EMPRESAS, CURSOS,  
VISANDO BOLSA DE ESTUDOS, PRIMEIRO EMPREGO, ESTÁGIOS;  
REALIZAÇÃO DE SEMINÁRIOS;  
ESTIMULAR INTERCÂMBIOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS.**


**SOMOS  
OPÇÃO!!**

**Clique nos banners abaixo e confira nossas plataformas**





# SOBRE TÍTULOS MAÇÔNICOS E HUMILDADE

**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

**N**o curso da história da Humanidade, todos os sistemas filosóficos esotéricos desenvolveram uma série de "válvulas de segurança" ou "armadilhas" embutidas, pelas quais são capazes de expulsar todos os possíveis intrusos. Além de todas as iniciações convencionais, esses sistemas contêm "provas" ocultas para aqueles que devem ser mais testados, a fim de verificar sua resistência espiritual. Nem é preciso dizer que tais testes não têm qualquer semelhança com os tipos convencionais de iniciação dos vários graus maçônicos.

Alguns dos testes mais elaborados, duradouros e brilhantes que a Maçonaria aplica a seus membros, são os vários títulos, honras e posições conferidos a eles, porque eles agem exatamente

da mesma maneira que as miragens e ilusões fazem para um homem santo ostracizado no deserto.

De fato, há uma contradição que provoca questionamentos e críticas por parte de todos os não iniciados, especialmente daqueles que têm uma posição cética contra nossos Irmãos. A Maçonaria é um sistema filosófico que ensina (e exige que seus membros demonstrem) moderação e humildade. Requer que todos os membros recém-iniciados aprendam o caminho para evitar a vaidade e, em vez disso, procurem se familiarizar com a natureza real das coisas, além e acima de todas as aparências.

Por outro lado, a Maçonaria tem instituído uma infinidade de títulos, classificações e graus impressionantes, muitos dos quais podem soar desatualizados, obsoletos ou mesmo mortos. Também utiliza designações como Venerável,

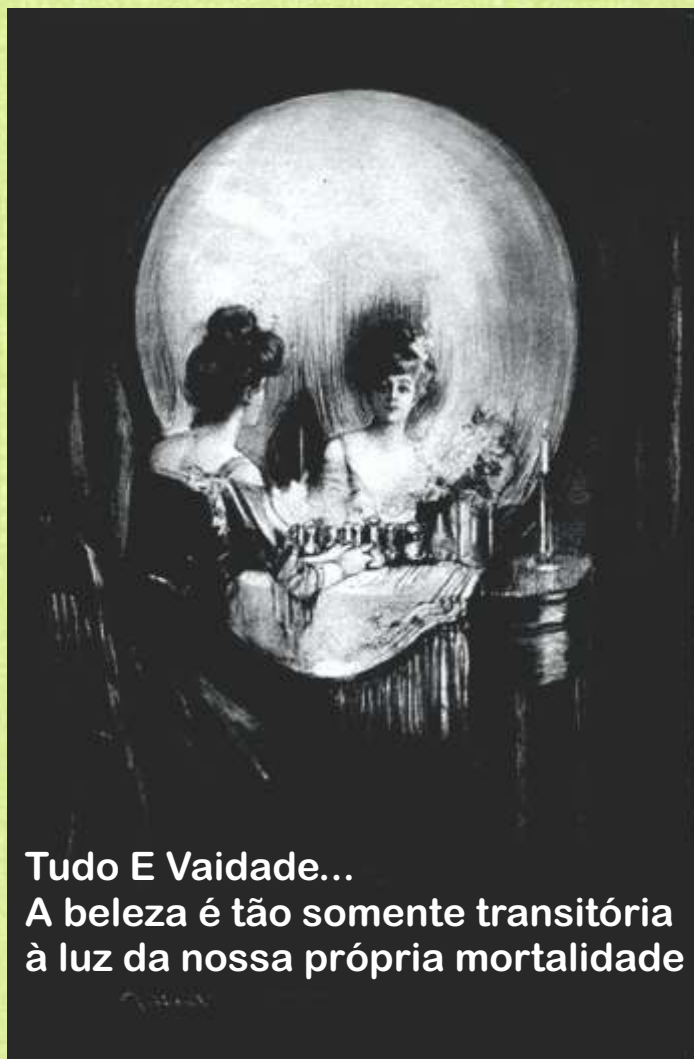
Muito Venerável, Três Vezes Ilustre, etc., que podem ser consideradas como excedendo todos os limites aceitáveis de solenidade, especialmente se considerarmos que tais títulos são sempre acompanhados de medalhas, fitas, ornamentos de ouro, espadas, estrelas, colares e aventais bordados a ouro e são usados não por reis ou generais, mas por pessoas comuns.

Quando as pessoas são regidas pelo Bom Senso e estão em contato com a Realidade, todos esses títulos são percebidos por elas como parte do Ritual Maçônico e elas tentam entender o significado interno e o real propósito desses títulos. Quando um Maçom alcançou um alto nível pessoal de auto-respeito no mundo exterior, ele é totalmente capaz de equilibrar essas designações peculiares e deixar seus Metais fora do Templo. Um indivíduo verdadeiramente iniciado vê todos esses títulos e honras como fardos e deveres reais. Evita vangloriar-se deles e, com sentido de humildade, entrega-os aos seus sucessores. Além disso, sente o dever de preparar os seus sucessores, antes de se retirar com uma sensação de alívio e felicidade, porque se prepara para o fim do seu ciclo, e quando esse fim chegar, deve mostrar a mesma humildade.

Os títulos maçônicos só podem ser percebidos como lembretes contínuos e difíceis de nossas imperfeições materiais e espirituais e noções sarcásticas do estado perfeito que todos nos esforçamos para alcançar, geralmente em vão. Júlio César costumava ter um escravo segurando sua coroa triunfal, andando com ele em sua carruagem de ouro, nos momentos de suas maiores procissões triunfais e sussurrando para ele que somos todos sem importância, tolos e mortais. Os títulos maçônicos agem exatamente da mesma maneira. Eles lembram aos homens sábios e modestos que sua posse é apenas mais um marco no caminho de sua Iniciação Final diante de nosso Criador.

Por outro lado, um homem oco é atormentado pelo brilho de seus títulos maçônicos.

Ele rasteja em direção a eles, e está disposto a sofrer inúmeras humilhações para alcançá-los. E quando ele finalmente consegue atingir seu



**Tudo E Vaidade...  
A beleza é tão somente transitória  
à luz da nossa própria mortalidade**

objetivo, ele se apegua a esses títulos como as únicas qualidades definidoras de sua vida miserável. Tais homens se consideram autoridades e se comportam como tiranos contra qualquer um que possa apresentar uma diferença de opinião. Eles veem conspirações ao seu redor, temendo que alguém os tire de seus merecidos títulos.

Nesse caso, esses títulos funcionam como lupas, mostrando da pior maneira possível nossas imperfeições e preconceitos. Eles se agarram ao seu portador como uma carcaça, mostrando a todos, cada detalhe repulsivo de seu caráter.


Esta é, provavelmente, a verdadeira razão pela qual existem tantos títulos, insígnias e honrarias na Maçonaria. Para agir como ferramentas, separando os homens sábios e modestos de seus impostores.

**Fonte: 'The Greek Mason Blog'**

# QUAL É A POSIÇÃO OFICIAL DA IGREJA SOBRE A MAÇONARIA?

A Adesão a Associações Maçônicas “Permanece Proibida Pela Igreja”



**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

**O Magistério da Igreja denunciou na Maçonaria as ideias filosóficas e as concepções morais opostas à doutrina católica.**

A Igreja Católica, no que se refere à Maçonaria, sempre se expressou de maneira clara, específica, determinada e inequívoca. Desde que o Magistério começou a se pronunciar sobre a Maçonaria, seu julgamento negativo

foi inspirado por múltiplas razões práticas e doutrinárias. Ele não responsabilizou a Maçonaria apenas por atividades subversivas contra ele, mas desde os primeiros documentos papais sobre o assunto, e em particular na encíclica " *Humanum Genus* " de Leão XIII, o Magistério da Igreja denunciou na Maçonaria idéias filosóficas e morais concepções contrárias à doutrina católica. Em particular, deve-se notar que o conceito de " *Grande Arquiteto do Universo* " está no centro do pensamento maçônico.



Apesar da manifestação de boa vontade na tentativa de abarcar todas as religiões, trata-se de uma concepção politeísta. Esta representação de um Arquiteto universal que governa todo o universo e seus princípios permanece inconciliável com os fundamentos da concepção cristã de Deus e sua resposta ao Deus único que os desafia em Jesus Cristo, o único Senhor. O documento de referência mais recente é a “*Declaração sobre a Maçonaria da Congregação para a Doutrina da Fé*”. O documento é assinado pelo Cardeal Joseph Ratzinger e foi aprovado por João Paulo II que ordenou a sua publicação em 1983. Afirma expressamente que a inscrição nas associações maçônicas “permanece proibida pela Igreja” e que os fiéis que nelas se inscrevem “estão em estado de pecado grave e não pode receber a Sagrada Comunhão”. Por esta última expressão, a Congregação indica aos fiéis que esta inscrição constitui objetivamente um pecado grave e, especificando que os aderentes de uma associação maçônica não podem receber a Sagrada Comunhão, deseja esclarecer a consciência dos fiéis sobre uma grave consequência que devem atrair por sua participação em uma loja maçônica. Finalmente, a Congregação para a Doutrina da Fé afirma que:


*“ NÃO SÃO COMPETENTES AS AUTORIDADES ECLESIAÍSTICAS LOCAIS PARA SE PRONUNCIAREM SOBRE A NATUREZA DAS ASSOCIAÇÕES MAÇÓNICAS, COM SENTENÇA QUE IMPLIQUE DERROGAÇÃO AO ACIMA ESTABELECIDO ”.*

A esse respeito, o texto também se refere a uma declaração anterior de 17 de fevereiro de 1981, que já reservava à Santa Sé qualquer pronunciamento sobre a natureza dessas associações que envolvesse derrogações ao direito canônico vigente na época. Da mesma forma, o novo documento, emitido pela Congregação para a Doutrina da Fé em novembro de 1983, expressa intenções idênticas quanto às observações que se desviam do julgamento formulado sobre a inconciliabilidade dos princípios da Maçonaria com a fé católica, em a gravidade do acto de inscrição na loggia e as consequências que dela decorrem para o acesso à Sagrada Comunhão. Com efeito, só Jesus Cristo é o Mestre da Verdade e só n'Ele os cristãos podem encontrar a luz e a força para viver segundo o desígnio de Deus,

Fonte: <https://www.difesapopolo.it>



# ALQUIMIA EM MAÇONARIA

**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

Por Raul Sarmiento

**A**lquimia abrange várias tradições filosóficas abrangendo quatro milênios e três continentes. O processo alquímico é mais conhecido por sua crença de que o chumbo pode ser transmutado em ouro. No entanto, a transmutação de metais não preciosos em ouro é simplesmente uma metáfora para a alma sendo libertada de um "estado mental de chumbo e morto", para a realização de sua própria natureza divina, também chamada de natureza leve, que é derivada de espírito puro. Quando nós na Maçonaria falamos sobre ganhar luz, estamos nos referindo essencialmente a nos aproximarmos dessa natureza divina.

Os alquimistas acreditavam que a base do mundo material era uma "Prima Materia", ou matéria caótica primária, que poderia ser forçada a existir se equilibrada pela "forma". As "formas"

surgiram na forma dos elementos, terra, água, fogo e ar. Os alquimistas acreditavam que as variedades ilimitadas da vida eram criadas a partir da mistura dos elementos em proporções particulares.

Um dos primeiros alquimistas, Aristóteles, acreditava que seco, úmido, quente e frio eram os quatro elementos. Quente e seco fazia fogo; quente e úmido fazia ar; frio e úmido fazia água, e frio e seco fazia terra. Ao retirar qualquer coisa e substituí-la por outra, você teria um novo item. Essa era a ideia de mudança.

Na alquimia, consideramos a "Prima Materia", o estado original da matéria, como sendo o estado de consciência original, puro e bruto, do qual emergiram todos os outros estados de consciência, isto é, mineral, vegetal, animal e humano, e nós veja o conceito da pedra filosofal como o estado final de "consciência iluminada" enquanto no corpo terreno; não como uma rocha que pode transformar chumbo em ouro. Isto é semelhante aos conceitos que trabalhamos na Maçonaria, quando falamos da cantaria bruta e

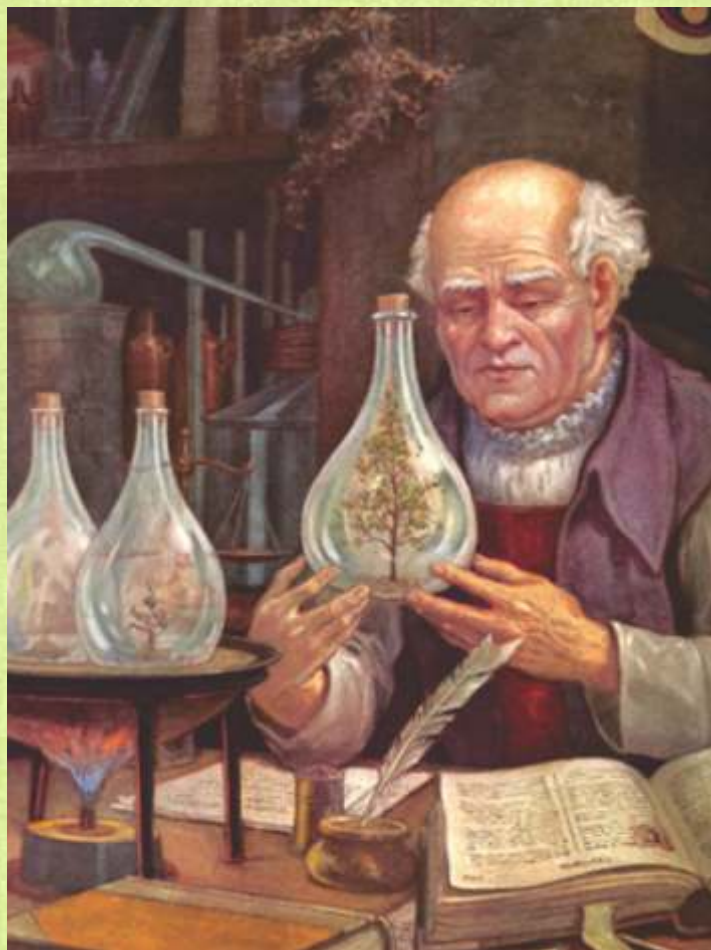
da cantaria perfeita. E nossos elementos essenciais de trabalho "para transformar um homem bom em um homem melhor".

O processo alquímico se distingue de outras disciplinas mágicas, religiosas e espirituais porque está envolvido na prática da "transformação", que equivale a uma metamorfose. Este é um processo biológico pelo qual um animal se desenvolve fisicamente após o nascimento ou eclosão, envolvendo uma mudança notável e relativamente abrupta na estrutura do corpo do animal através do crescimento e diferenciação celular. O animal resultante é um ser completamente diferente.

O Alquimista está envolvido em um processo de transformação, muito diferente do processo de crescimento ou evolução linear. O Alquimista trabalha a partir de um estado existente e o altera radicalmente, reduzindo-o a uma mistura de "Prima Materia" através do processo de transformação. Dentro desse processo, surgem elementos que, interagindo entre si e, eventualmente, como resultado do encontro de opostos, produzem uma nova condição ou um novo ser. É o processo mais secreto, esotérico e gnóstico que visa gerar um novo ser que não é produto dos processos ordinários da natureza ou da evolução, mas um ser completamente diferente criado pelo processo alquímico. Nossa intenção com os três graus da Maçonaria segue esta mesma ideia.

É o objetivo que este novo ser tenha a capacidade de se conectar de forma íntima com as forças divinas e formas de consciência. O humano não transformado, ou homem natural, não será capaz de se relacionar e se conectar com essas formas transcendentais e maiores de consciência. Requer um ser transformado. Esse é, em essência, o objetivo das antigas tradições e parte da ideia e objetivo dos três graus da Maçonaria.

Se olharmos para a ideia e desenvolvimento por trás do processo alquímico, é relevante olhar para o mundo antigo, por exemplo, Santo Agostinho (353-430 dC), que considerava o homem trazido à existência para durar a vida eternamente. A condenação é o que todos os homens mereciam por causa da queda de Adão, que foi criado com livre arbítrio, mas escolheu romper a ordem perfeitamente boa estabelecida por Deus. A posi-



ção alternativa precedeu a de Santo Agostinho, que era a posição dos gnósticos, dos neoplatônicos, dos hermetistas e também dos alquimistas. Eles tinham uma visão diferente da filosofia da condenação. Essas antigas tradições afirmavam que o ser humano não é uma criatura feita de "sujeira", mas que dentro do humano existe uma centelha divina, "neuma", como é chamada. Este núcleo transcendental não é corrupto, mas bom, perfeito e sábio.

Mas por que a vida não é perfeita então? Bem, porque o homem vive em um mundo inferior, um mundo terrestre cheio de vícios, inconsciência e pecado. Embora esteja por toda parte, não penetrará no "Centro" do humano divino. O trabalho de nossa vida é trazer esse centro interior de perfeição para o mundo e manifestá-lo em sua vida. O potencial precisa ser manifestado. Esta era a visão antiga. Que foi o trabalho do alquimista na Idade Média e o trabalho de todas as lojas maçônicas hoje.

Essa ideia ou visão de mundo ganhou vida várias vezes na história da humanidade e foi chamada de coisas diferentes para evitar perseguições e

perturbar o estabelecimento. Durante o renascimento, houve um surgimento de movimentos artísticos, filosóficos e místicos. Durante este tempo, a prática da Alquimia foi difundida e se tornou o que conhecemos hoje. Este foi o momento da descoberta e tradução dos escritos herméticos, que têm a conexão mais próxima com a alquimia. Mais tarde, essa mesma ideia foi usada na era do Iluminismo por pessoas como Voltaire, Diderot e Rousseau, que resultaram nos conceitos usados na revolução francesa. Ele também retornou na Revolução Americana, como a declaração de independência declara muito claramente: "Consideramos essas verdades autoevidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados por seu Criador de certos direitos inalienáveis que entre estes estão Vida, liberdade e a busca pela felicidade".

Todos achavam que o ser humano tinha um potencial infinito, só pelo fato de ser humano. Como esse potencial se concretiza? De acordo com o Alquimista, ela é produzida através de um processo de transformação. E no nosso caso, o cenário são as Lojas Maçônicas. O catalisador é o Venerável Mestre e o material o próprio irmão.

Olhando mais de perto como o processo alquímico funciona em seus vários estágios, é relevante olhar para o comentário que C. J. Jung escreveu sobre o antigo códice chamado "Rosarium Philosophorum". Aqui Jung descreve o primeiro estágio, em que o fogo é "lento e brando", à medida que a carne ou o embrião é gradualmente ajudado a realizar o primeiro estágio do trabalho, culminando no estado chamado Nigredo ou "escurcimento". Diz-se que esse estágio envolve uma purificação da natureza terrena em nós. O trabalho começa com a quebra das formas existentes em busca da "Prima Materia", a condição do estado original, puro e incorrupto da matéria que é a base da natureza como mencionado anteriormente.

Este primeiro processo também é chamado de "caput mortuum" ou cabeça morta e está essencialmente ligado ao corte da cabeça ou ego da pessoa. Assim como a morte material é necessária para o renascimento material das coisas, a morte espiritual é necessária para o renascimento espiritual do homem. Assim, o tão desejado ato de

renascimento é sempre precedido de um retorno aos elementos essenciais, caso contrário, a regeneração não pode começar.

Olhando mais profundamente para o primeiro estágio, a redução aos elementos básicos requer uma libertação do senso de identidade de suas conexões com o mundo material. O que nos interessa é remover os véus dos apegos inconscientes ao mundo para obter uma noção mais clara de quem somos. A identificação do eu com o elemento terra é experimentada em termos de nosso apego a objetos mundanos, como nosso corpo, objetos materiais, figuras parentais, etc. Enquanto permanecermos apegados aos objetos mundanos, permaneceremos separados e divididos por dentro. Uma vez superadas as identificações inconscientes, os pensamentos e sentimentos tornam-se positivos, ou seja, o mundo não mais ameaça nosso verdadeiro eu porque estamos livres dele. Podemos escolher quando e como integramos o mundo em nosso eu, em vez de nosso eu ser absorvido e perdido no mundo. Este estágio costuma ser o mais difícil de superar para o alquimista, pois nossa conexão e apego ao material está profundamente enraizado em nós na condição de seres humanos.

O segundo estágio, chamado Albedo, ou a fase branca, concentra-se em estarmos conscientes de nós mesmos e de nossa natureza divina. É um período de afastamento um pouco da vida. Os textos alquímicos falam da alma agora se tornando consciente de si mesma ao se tornar consciente de sua própria natureza divina. Este é o estágio em que a alma, finalmente, sendo consciente de si mesma, leva o indivíduo a uma consciência e propósito espirituais elevados.

Na fase final, a fase vermelha chamada Rubedo, o alquimista desperta para o desejo de retornar à terra e encarnar plenamente seu estado de consciência "iluminada". Bastante simples como a pessoa percebeu e transcendeu seus problemas e dilemas, ela se depara com a tarefa de implementá-lo em sua vida.

Assim, em essência, o princípio alquímico é "solve et coagula", ou dissolver e coagular ou remontar em uma forma mais perfeita. Esse processo é usado em cada estágio do desenvolvimento geral para trazer a transformação. Em



outras palavras, o corpo em que a alma está presa no momento deve primeiro ser dissolvido para liberar os elementos, para que possa ser reconstruído como uma forma mais pura, que pode então ser recoagulada e experimentada como o "novo eu". " No terceiro e último estágio, à medida que a alma encarna e desce ao corpo mundano, este último foi temperado para ser um veículo e uma psique mais adequados, que são então coagulados com a alma para formar o "eu" que despertou o corpo. e mente, e uma união perfeita foi formada. Um homem bom foi transformado em um homem melhor.

Todo esse processo é descrito em muitos textos alquímicos e é melhor colocado em um contexto maçônico por Timothy Hogan em seu livro "As chaves alquímicas para o ritual maçônico", onde o autor escreve: "A alquimia primeiro e acima de tudo procurou unir o físico com o espiritual. No simbolismo alquímico, o mundo físico era representado pelo quadrado (como os quatro cantos da terra), e a palavra espiritual pelo círculo que não tinha começo nem fim. As duas ferramentas usadas para fazer esses símbolos são o quadrado e bússolas. Nos três graus simbólicos da Maçonaria da Loja simbólica, as bússolas espirituais gradualmente superam o quadrado físico à medida que o candidato recebe mais luz."

Nas lojas e em nosso trabalho maçônico, tentamos essencialmente usar as lições, graus, tra-

balho de memória e palestras, para destruir o homem bom existente e colocá-lo em um estado em que possa se tornar um homem melhor e obter conexão com sua própria luz interna, assim como a luz divina. É como a obra do Alquimista, embora a maneira como falamos sobre ela e a abordamos seja diferente.


Agora, para finalizar, vou deixar você com esse pensamento. Toda vez que me encontro nesta terra emaranhado com todas as limitações de minha consciência inferior, por esperança, volto às minhas raízes primordiais e ouço a sábia voz de meus professores e mentores. Este em particular é querido de coração e alma, e cito Stephan Hoeller:

*"Não sou este corpo de terra que habito agora e que retornará aos seus próprios elementos, do pó ao pó, das cinzas às cinzas. Não sou meus sentimentos que vasculham o corpo e a mente como o vento instável do fio da vida. Eu não sou meus pensamentos que fingem permanência e estabilidade, e ainda passaram, mudaram e desapareceram na noite do tempo. Eu não sou nenhum desses, embora eles compreendam minha casa agora. Eu sou o espírito imortal, a centelha da chama primordial emanada pela luz atemporal além de toda manifestação. Mais puro que a neve, mais radiante que o sol, mais sutil que o éter, sou eu.*



Edvard Munch, 1893, O Grito, Galeria Nacional da Noruega

# COMO A MAÇONARIA PODE NOS AJUDAR VENCER NOSSOS MEDOS

**Podcast**  Ouça a matéria clicando aqui

**Q**uando somos jovens pensamos que podemos agir contra todas as injustiças do mundo, nos sentimos poderosos e temos certeza de que podemos mudar o rumo das coisas. Mas à medida que crescemos e desenvolvemos nossa personalidade, também desenvolvemos nossos medos. Não há dúvida de que hoje as mensagens que a mídia nos oferece são quase exclusivamente de medo: medo dos vírus, medo da guerra, medo da crise econômica que pode nos tornar pobres, medo de não ter meios para poder viver uma vida digna. Como alguém pode se libertar desses medos através da educação maçônica? Acho que os medos são falsos deu-

ses. O medo gera um comportamento negativo e é a base de todo comportamento.

De forma superficial e sem entrar em definições sobre o psiquismo humano que não pertençam à minha formação cultural, posso dizer que o medo é aquele sentimento desagradável causado pela crença de que alguém ou algo é perigoso, ameaçador ou capaz de causar dor, e para nós, seres humanos, não gostamos de sensações desagradáveis e desconforto. Ninguém quer experimentar desarmonia consigo mesmo; o medo é baseado em uma crença que muitas vezes não é apoiada por fatos concretos. É a crença de que algo e/ou alguém pode nos prejudicar fisicamente, emocionalmente ou comprometer nosso estilo de vida.

Com essa simples explicação não pretendo banalizar o medo ou algumas de suas principa-



**ILUSTRAÇÃO DE MEDO. A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais, de Charles Darwin.**

is manifestações, como a síndrome do estresse pós-traumático, mas apenas lançar as bases para um debate sobre os medos comuns que a maioria de nós experimenta. Os medos são fundados? Alguns sim e alguns talvez não. Diante do perigo imediato, o medo certamente é justificado. Sigmund Freud fez uma distinção entre o medo real e o medo neurótico, argumentando que o medo real é racional e compreensível, resultando em uma reação à percepção de um perigo externo e está relacionado ao instinto de autopreservação e o que desperta o medo, depende muito de nosso conhecimento e nosso sentimento de poder sobre o mundo externo. O medo neurótico, por outro lado, baseia-se em um estado de ansiedade, "de medo flutuante" pronto para se ligar a qualquer ideia, influenciar o julgamento, despertar expectativas, aproveitar todas as oportunidades para se fazer ouvir. Freud chama essa condição de "medo em antecipação" ou "expectativa ansiosa". As pessoas que sofrem desse tipo de medo sempre profetizam a mais terrível de todas as possibilidades, interpretam

toda coincidência como um mau presságio e atribuem um significado terrível a qualquer incerteza, e muitas pessoas, embora não estejam doentes, mostram uma tendência a antecipar o desastre.

O medo é, portanto, a falta de sentimento de poder sobre nosso mundo, seja devido a uma tempestade que se aproxima ou a sentimentos de inadequação.

Nossas reações se originam todas do mesmo instinto de sobrevivência, ambos os medos que Freud contrastou entre si (real e neurótico) derivam da falta de controle sobre o mundo interior e exterior.

Todos os vícios (preguiça, inveja, ganância, avareza, gula, orgulho e luxúria) que o ritual do Aprendiz nos convida a enterrar são manifestações do medo. Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, afirmou que as virtudes e os vícios são um espectro e suas deficiências uma expressão das extremidades desse espectro. Hoje proliferam muitos cursos em que se gostaria de ensinar, através de várias técnicas, como enfrentar os medos, mas poucos conseguem enfrentá-

los de frente.

Muitas pessoas têm uma atitude negativa dominante, como auto-aversão, autodestruição, martírio, teimosia, ganância, impaciência e arrogância. Ao trabalhar esses aspectos da personalidade, muitas vezes eles se repetem em situações de cansaço, depressão, quando nos sentimos sobrecarregados ou simplesmente quando não fizemos um bom trabalho sobre nós mesmos. Quando nossa zona de conforto, nossa criança interior, é agredida ou se sente vulnerável, recorreremos a essas atitudes que na verdade são manifestações de medo.

Essas atitudes geralmente se originam em nossa infância e se manifestam por meio de nossas reações ao ambiente externo e às experiências. Cada um desses bloqueios é baseado em um medo específico e pode ser superado com esforço consciente. Para usar a ideia de Aristóteles da escala móvel de vícios e virtudes, essas são as atitudes negativas dominantes com seu espectro de manifestação. A baixa autoestima é o medo de não ser bom o suficiente e se manifesta desde a humildade (atitude positiva) até a auto-humilhação (atitude negativa); a ganância é o medo de não ter o suficiente e se manifesta com o egoísmo que é um desejo (positivo) de voracidade ou "gula" (negativo); a autodestruição é o medo de perder o controle e se manifesta como autossacrifício (positivo) até suicídio ou autoimolação (negativo); o martírio é o medo de não ser digno, manifesta-se como altruísmo (positivo) até se tornar vítima (negativo); a teimosia é um medo da mudança, de novas situações e se manifesta como determinação (positiva) até obstinação (negativa); a impaciência é o medo de perder oportunidades, manifesta-se desde a audácia (positiva) até a intolerância (negativa); a arrogância é o medo de ser vulnerável, ela se manifesta desde o orgulho (positivo) até a vaidade (negativo).

As oscilações dessa escada rolante "aristotélica" demonstram a presença constante da dualidade na qual está imerso o ser humano



que tem a tarefa de encontrar o equilíbrio dentro de si mesmo através do desbaste de sua pedra bruta.

Ao examinar mais profundamente nosso próprio comportamento, pode ser mais fácil ver como uma reação a uma situação ou outra remonta a uma dessas atitudes negativas e ao medo que as causa. Essa linha que separa os dois extremos pode ser diferente para cada pessoa e é claro que cada um de nós, diante do medo, tem diferentes níveis de tolerância e capacidade de processar reações.

Quando começamos a mergulhar além da superfície de nossa própria psique por meio da introspecção, talvez descubramos que essas atitudes negativas são baseadas em experiências da infância.

Dependendo de sua experiência ambiental e inclinações pessoais, as crianças criam visões de mundo distorcidas. Todos nós criamos essas distorções (grandes e pequenas) e, eventualmente, elas se tornam nossos mitos pessoais. Situações repetidas ou eventos traumáticos reforçam esse mito. Impulsionada por um medo profundamente arraigado e impulsionada por uma visão de mundo distorcida, a atitude negativa emergente e dominante também entra em ação na idade adulta. Por exemplo, a criança pensa: "Vou impedir que a vida me faça sofrer". A estratégia de sobrevivência escolhida pela criança envolve algum tipo de conflito, uma guerra contra si mesma, contra os outros ou contra a vida. É um padrão de comportamento defensivo que parece irracional do lado de fora, mas do ponto de vista da criança é perfeitamente racional. À medida que amadu-



recemos, devemos abordar essas atitudes negativas dominantes ou elas colocarão em risco qualquer chance de auto aperfeiçoamento.

Quando alguém reclama de nós ou de outros, o motivo é sempre o medo. Embora essa não seja a motivação para todas as nossas atitudes, ainda parece ser o cerne dos comportamentos negativos e destrutivos. Ódio, mentiras e fanatismo são reações e atitudes baseadas no medo. Ao lidarmos com essas reações no mundo, precisamos ter em mente que o medo é o motivador e que talvez fazendo a pessoa se sentir segura, deixando-a expressar seus verdadeiros medos, ela pode começar a se aprimorar.

A Maçonaria nos dá a oportunidade de confrontar nossos medos e os dos outros. Desde falar perante um grupo de pessoas (Irmãos e Irmãs) ao trabalho ritual, passando pela formação nos vários papéis e funções da Loja, esta Instituição oferece-nos continuamente a possibilidade de transmutar medos em relações frutíferas, fazendo-nos ter experiências que desafiando-nos, obrigam-nos a enfrentar esses medos.

A única maneira de melhorar a humanidade é superar o que nos faz viver uma vida irracional. Ao enfrentar e reconhecer quando as pessoas se movem com medo, podemos ajudá-las e a nós mesmos.

Os maçons se esforçam para aprender e, ao

reconhecer seus medos, aprendem a administrar o que gira em torno deles, trazendo à tona talentos e habilidades à espera de serem descobertos. Enfrentar os medos é difícil se não criarmos um diálogo real conosco e com nossos Irmãos da Loja em um ambiente onde possamos nos expressar honestamente e sermos apoiados.

Este diálogo honesto é dirigido principalmente a nós mesmos. Quais são os nossos medos? Qual é a nossa atitude negativa dominante e como ela afeta a nós, nossa família e as pessoas ao nosso redor? Quais relacionamentos são saudáveis e positivos e quais não são? Fazer perguntas a si mesmo perguntando "por que" é um começo. Talvez, olhando para as motivações dentro de nós que nos levam a ter relacionamentos dolorosos com os outros, possamos enfrentar nosso medo. Para fazer isso, devemos ser capazes de observar ativamente nosso comportamento, avaliar os danos que causamos a nós mesmos e observar o caminho interior que seguimos.

Precisamos muito ser capazes de olhar para dentro do nosso lado mais obscuro, pois é lá que encontramos a nossa pedra bruta.

Eu disse  
C.W.

Fonte: Revista Athanor

# A VERDADEIRA MUDANÇA

COMEÇA COM NOSSAS  
ESCOLHAS E AÇÕES

#escolher  
#acreditar  
#chapa2

Vote  
Chapa 2

**KHEYTTE &  
WILDELSON**

Considerado e Grande Irmão,  
Abaixo estão as redes para conhecer e acompanhar o movimento da  
Colmeia Operativa.

Vamos compactar e fortalecer nossas Lojas e Irmãos.  
A Retomada Chegou! Faça parte desse movimento!

